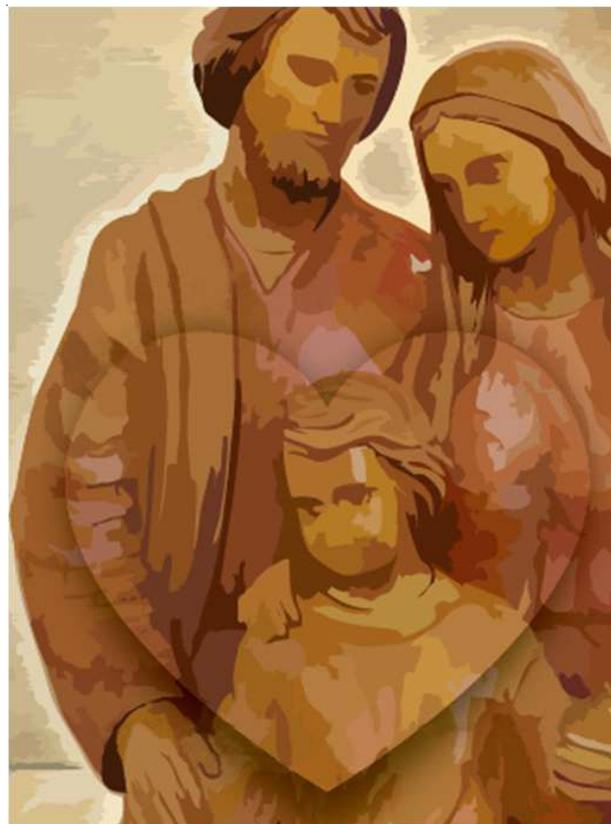


TEMA DE ESTUDO 2017-2018

A MISSÃO DO AMOR



ERI - Março de 2017



Índice

Apresentação	3
Introdução	5
PRIMEIRO CAPÍTULO – Agradecendo	11
SEGUNDO CAPÍTULO – Saindo	19
TERCEIRO CAPÍTULO – Sendo Casal	27
QUARTO CAPÍTULO – Irradiando	35
QUINTO CAPÍTULO – Acompanhando	42
SEXTO CAPÍTULO – Sarando	49
SÉTIMO CAPÍTULO – Acolhendo	58
OITAVO CAPÍTULO – Sendo fiéis	66
NONO CAPÍTULO – Balanço	74
Anexos	80
Discurso do Santo Padre	84

Apresentação

Este tema de estudo que a Equipa Responsável Internacional vos propõe como preparação para o XII Encontro Internacional em Fátima 2018 é, ao mesmo tempo, um ponto de chegada e um ponto de partida. Será bom compreender isto, porque o caminho que o Movimento percorreu desde a sua fundação (e este ano teremos de celebrar o 70º aniversário da Carta!) não é um conjunto de etapas dispersas, mas sim um percurso contínuo e sempre orientado para um encontro cada vez mais profundo com Cristo e, portanto, com “o homem”.

É ponto de chegada de um percurso muito intenso que começou depois do Encontro de Brasília 2012 e que teve o seu ponto culminante no discurso do Papa Francisco às Equipas em Roma, em setembro de 2015, um momento de graça marcado pelo Sínodo e pela *Amoris Laetitia*.

Estamos convencidos de que, neste tempo recente, o Movimento sentiu-se fortemente interpelado pelo mundo e pela Igreja e se mostrou decidido a “atrever-se a viver o Evangelho”. A experiência que vivemos a partir da internacionalidade é que as Equipas de Nossa Senhora são e continuarão a ser lugar de diálogo, de tolerância, onde estejam presentes, sem amargura nem ingenuidade, as exigências que vivemos. Todos compreendemos finalmente que não estamos nas ENS para nos defendermos do mundo, mas sim para que, com Cristo, saíamos ao encontro do mundo anunciado no Evangelho.

“A Missão do Amor” é o título deste tema elaborado por uma equipa da Supra Região de Espanha. Com ele termina uma etapa de reflexão profunda e abre-se uma etapa em que se multiplicam as experiências de acolhimento e acompanhamento, cuja porta será o Encontro de Fátima 2018, inspirados pela parábola do Filho Pródigo. As ENS permanecerão firmes na unidade e fidelidade ao seu carisma, mas estarão também abertas ao mundo e aos sinais

dos tempos, com um novo ardor, um novo vigor, um novo alento. “Se as Equipas de Nossa Senhora não são uma sementeira de homens e mulheres prontos para assumir com coragem todas as suas responsabilidades na Igreja e na sociedade, perdem a razão de ser” (Henri Caffarel).

Não são apenas as instituições do matrimónio e da família segundo o plano de Deus que se veem hoje frequentemente menosprezadas, é a própria ideia do amor (tal como é belissimamente contada no capítulo 4 de *Amoris Laetitia*) que vemos seriamente ameaçada pelas múltiplas egolatrias que se espalham pelo mundo. Assim, portanto, **“o Amor é a nossa missão”**.

Já estamos preparados para ela. Para levar o testemunho dos valores em que acreditamos, através de um envolvimento ativo e misericordioso. Em aliança com Cristo, apoiados na sua Palavra e na oração, anunciemos a fidelidade do nosso amor que, no fundo, é a nossa vocação. Sabemos que responder-lhe será assumir um compromisso, implicará revelar-lhe os nossos projetos de vida, dar-lhe a conhecer as nossas esperanças para esta sociedade em que vivemos, que afinal é a nossa e que terá o seu lugar na história da Salvação.

Resumindo, tudo parte do Amor e tende para o Amor; é a mensagem de fundo do Tema que têm nas mãos. E a nossa é esta: **mais acolhimento, mais missão, mais amor** deve ser uma prioridade para as Equipas de Nossa Senhora.

Tó e José MOURA SOARES
Equipa Responsável Internacional

Introdução

Neste ano de atividades, ao longo do qual o Movimento se prepara para o **XII ENCONTRO INTERNACIONAL FÁTIMA 2018**, “Renovando a aliança na força do Espírito”, é-nos pedido que comecemos a nossa peregrinação tendo em linha de conta o momento eclesial que vivemos nos últimos anos juntamente com os grandes documentos com que o Papa Francisco nos presenteou.

É um caminho em que estamos imersos desde Brasília 2012 e que teve como marco essencial o encontro de responsáveis regionais de Roma em 2015 onde, na audiência com o Papa Francisco, este confirmou o nosso carisma para o mundo de hoje e nos indicou os objetivos em que, como Movimento, nos devemos fixar nos próximos anos. Por isso, acreditamos ser importante que as propostas do Papa nesta Alocução constituam o fio condutor de capítulos cujo título está no gerúndio, na medida em que nos indica uma missão que já foi iniciada, mas que não tem limite no tempo. De facto, poderemos ver como algumas delas já foram abordadas nos mais recentes Colégios Internacionais, onde os responsáveis das Equipas de todo o mundo se reúnem para ter formação, orar e celebrar, refletir e também partilhar iniciativas e experiências que já vão dando respostas concretas a esses desafios.

Neste caminho para Fátima 2018, temos de ter muito presentes as duas grandes ênfases que a Igreja Universal nos quis propor nos últimos tempos:

- O ano da Misericórdia, em especial com a carta apostólica *Misericórdia et Misera* a propósito do encerramento do Jubileu Extraordinário,
- Os Sínodos extraordinário de 2014-15 e ordinário de 2015-16, com a bela exortação apostólica do Santo Padre *Amoris Laetitia*,

que são, sem dúvida alguma, um chamamento para que todos, com especial relevo para os movimentos com um carisma conjugal e familiar, reflitam sobre a nossa missão e deem uma resposta clara às esperanças e necessidades daqueles a quem fomos enviados.

Por último, estamos conscientes de que o aprofundamento no carisma e na missão que nos é proposto implica também conhecer mais diretamente os textos do Padre Caffarel que, com o que escreveu, soube aprofundar os aspetos que eram então uma novidade para a Igreja e que ainda hoje continuam a ser a base que constitui os alicerces essenciais das Equipas de Nossa Senhora. Por isso, os capítulos são complementados com textos essenciais do Padre Caffarel sobre a missão do matrimónio.

ITINERÁRIO

O tema é constituído por 4 grandes blocos. Começamos por **agradecer** o dom do sacramento do matrimónio e da ordem sacerdotal. Em seguida, reconhecemos que esse dom não pode ser apenas um exclusivo da nossa vida pessoal e de casal, mas que, pela sua própria dinâmica, nos levará a reconhecer a nossa **vocação missionária**, núcleo deste tema. No terceiro bloco, que é o mais extenso, **concretizamos essa missão** com uma série de pontos. Reconhecemos que a nossa primeira missão é ser casal, em profundidade e em verdade, e que a partir da nossa realidade, devemos atender a diversos aspetos relacionados com o trabalho em prol do casal e da família. E, por último, reconhecemos que fazemos isto **sendo fiéis** ao carisma que recebemos no Movimento das Equipas de Nossa Senhora de que fazemos parte.

1. Agradecer o dom da vocação matrimonial/sacerdotal
AGRADECENDO (Capítulo 1º)
2. Reconhecer e reanimar a nossa vocação missionária
SAINDO (Capítulo 2º)
3. Concretizar a missão

- a. Entender os Pontos Concretos de Esforço como ferramenta para a nossa primeira missão: ser casal
SENDO CASAL (Capítulo 3º)
 - b. Reconhecer a missão no simples e diário
IRRADIANDO (Capítulo 4º)
 - c. Acolher, formar e acompanhar os jovens
ACOMPANHANDO (Capítulo 5º)
 - d. Ajudar a sarar feridas
SARANDO (Capítulo 6º)
 - e. Acolher os casamentos fracassados
ACOLHENDO (Capítulo 7º)
- 4.** Partindo do carisma recebido
SENDO FIÉIS (Capítulo 8º)

Por último, é proposta a reunião de balanço.

ESTRUTURA GERAL

CAPÍTULO	OBJETIVOS	CITAÇÃO
1. Agradecendo	<ul style="list-style-type: none"> · Agradecer a Deus e à Igreja o cuidar da nossa vocação graças às Equipas de Nossa Senhora. · Reconhecer o bem concreto que, em cada casal e sacerdote, significou o Movimento e a equipa. · Reconhecer a complementaridade de vocações. 	1 Co 13, 4-7
2. Saindo	<ul style="list-style-type: none"> · Reconhecer que ser missionário é parte essencial da vocação das Equipas de Nossa Senhora. · Sair das nossas zonas de conforto. · Comprometermo-nos a viver a partir de um espírito missionário que sai de si mesmo e se abre aos outros. 	Lc 14, 12-14

CAPÍTULO	OBJETIVOS	CITAÇÃO
3. Sendo Casal	<ul style="list-style-type: none"> · Reconhecer que a nossa primeira missão é viver em plenitude a vocação a que fomos chamados. · Agradecer os meios concretos que são postos à nossa disposição para viver o matrimónio e a família a partir do projeto que Deus tem para nós. · Renovar o nosso compromisso conjugal. 	Tob 8, 4-9
4. Irradiando	<ul style="list-style-type: none"> · Estar conscientes de que é vivendo a nossa vocação que anunciamos ao mundo a alegria do matrimónio. · Procurar meios de mostrar à nossa volta a boa notícia para o casal e para a família que está realmente contida no Evangelho. 	Jo 13, 34-35
5. Acompanhando	<ul style="list-style-type: none"> · Recordar o chamamento do Papa às ENS para nos comprometermos com os jovens no seu noivado e nos primeiros anos de matrimónio. · Conhecer as ações que já são realizadas a partir das ENS. · Procurar novas formas de acompanhar os noivos e comprometermo-nos como casais e como grupo. 	Is 62, 1-5
6. Sarando	<ul style="list-style-type: none"> · Recordar o chamamento do Papa para nos comprometermos com as famílias feridas. · Pedir a capacidade de reconhecer e de acolher ao nosso lado os que sofrem. · Reconhecer que as feridas das famílias que estão à nossa volta são chamamentos de Deus para nos envolver e implicar. 	Lc 10, 30-37

CAPÍTULO	OBJETIVOS	CITAÇÃO
7. Acolhendo	<ul style="list-style-type: none"> · Recordar o chamamento do Papa para nos comprometermos com aqueles cujos matrimónios fracassaram. · Discernir a maneira concreta como, nas ENS, vivemos este chamamento da Igreja. 	Mt 9, 10-13
8. Sendo fiéis	<ul style="list-style-type: none"> · Conhecer, valorizar e agradecer o carisma próprio com que o Espírito Santo presenteou a sua Igreja com Henri Caffarel. · Discernir o que significa, enquanto casal, família e equipas, o chamamento a uma maior fidelidade. · Comprometermo-nos com a causa da beatificação do Padre Henri Caffarel. 	Jo 15, 12-17
9. Balanço	<ul style="list-style-type: none"> · Partilhar e rever o caminho pessoal e de casal ao longo deste ano de atividades. · Partilhar e rever o caminho da equipa ao longo deste ano de atividades. 	Mt 11, 25-30

ESTRUTURA DE CADA CAPÍTULO

Começam por uma apresentação geral. Segue-se a leitura da Palavra de Deus, Ponto Concreto de Esforço que o Movimento nos incentiva de forma especial a aprofundar durante este ano de atividades. A este propósito, é proposto um comentário formativo de introdução ao texto bíblico, seguindo-se a respetiva leitura. É a nossa primeira abordagem a esta leitura bíblica, sobre a qual iremos rezar na reunião de equipa e que pretendemos que nos acompanhe durante o mês.

Segue-se uma apresentação dos textos que formam o núcleo central de cada capítulo e que, como já foi dito, podemos encontrar na alocução com que o Papa presenteou as Equipas, no cha-



mamento que a exortação apostólica *Amoris Laetitia* nos fez, como conclusão do Sínodo da Família e em textos do Padre Caffarel adequados a cada temática.

Depois, são dadas pistas para preparar a reunião mensal, bem como para trabalhar sobre o tema durante o mês. Incluem perguntas para preparar o “Pôr em Comum” em casal, algumas reflexões para nos ajudar na oração durante a reunião, algumas ideias para aprofundar no decorrer da reunião, dando ênfase a diversos aspectos dos “Pontos Concretos de Esforço” e uma proposta de “Dever de se Sentar”, terminando com algumas perguntas que nos podem servir para centrar a reflexão comunitária sobre o tema. Propomos também umas pistas sobre o Encontro de Fátima para ter em consideração durante o mês e que podemos partilhar na reunião de equipa.

Pretende-se que este tema, como todos os das Equipas, seja vivencial, que nos interpele no nosso dia a dia e nos ajude na nossa vida de casal.

Ao longo deste ano de atividade, que nos unirá todos em Fátima, disponhamo-nos a descobrir qual é a missão do Amor na nossa vida e o que isso significa para cada um de nós, para a equipa e para o Movimento das Equipas de Nossa Senhora.

PRIMEIRO CAPÍTULO

Agradecendo

Objetivo



- Agradecer a Deus e à Igreja o cuidar da nossa vocação e os meios a que temos tido acesso, especialmente as Equipas de Nossa Senhora.
- Reconhecer o bem concreto que, para cada casal e sacerdote, significou o movimento e a equipa.
- Reconhecer a alegria da complementaridade de vocações.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Iniciamos o ano de atividades com o convite do Papa para que reconheçamos como a Igreja em geral e as equipas em particular cuidaram da nossa espiritualidade conjugal e da nossa vida familiar.

Não é por acaso que somos convidados a começar por agradecer, pois facilmente nos acostumamos a viver as coisas com excessiva normalidade, a não dar importância a nada e a acreditar que é “banal”. Mas se pararmos um momento e olharmos para trás, podemos reconhecer os dons que recebemos de tantas pessoas e situações que nos ajudaram a perseverar.

Quem não se detém e faz silêncio, quem não dedica tempo a recordar (voltar a fazer passar as coisas pelo coração), quem não se reconhece pequeno e afortunado dificilmente dirá obrigado: obrigado? porquê? a quem? E quem não é capaz de agradecer não é capaz de amar, porque não foi capaz de se deixar amar primeiro.

Essa é a experiência de S. Paulo, que reconhece o amor de Deus na sua vida. Se tem alguma coisa a agradecer é o ter sido amado, não de qualquer maneira, mas sim da maneira que ele mais tarde, a partir da sua própria experiência, irá desenvolver no “Hino à Caridade”. Quando falamos de amor, falamos deste AMOR: do amor de Deus que se manifestou no seu filho Jesus.

Por tudo isto, este primeiro tema convida a reconhecer o vivido, a agradecer com ternura o presente que nos foi dado e a saber-nos que-

ridos na nossa história concreta. Parece fácil, mas todos sabemos que deixarmos que sejamos amados e deixarmos que nos “lavem os pés” custa mais do que pensamos.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

S. Paulo nasceu em Tarso na Cilícia, no início da era cristã, numa família judia da tribo de Benjamim. Foi educado em Jerusalém, com Gamaliel, na doutrina farisaica e foi perseguidor dos cristãos até que se converteu na sequência do encontro que teve com Jesus ressuscitado no caminho de Damasco. A partir desse momento, dedicou apaixonadamente toda a sua vida a anunciar aquele que o tinha “alcançado” (Fl 3, 12) e de quem tinha recebido a missão de evangelizar os pagãos (Act 9, 3-19).

As cartas de Paulo são escritas pontuais com os quais procura dar resposta a situações concretas. O seu conteúdo varia, portanto, conforme as circunstâncias e o auditório a que se dirige, mas recorrendo a uma mesma doutrina centrada na pessoa de Cristo morto e ressuscitado. O apóstolo evangelizou a cidade grega de Corinto, por volta do ano 50 D.C. Nesse porto famoso fundou uma comunidade florescente. As diversas correntes pagãs de pensamento e religião chocavam com a fé daquela jovem comunidade, cujas dificuldades o apóstolo procura resolver através das cartas que lhes escreve. Na primeira carta são detalhados aspetos e problemas do cristianismo primitivo na relação com a própria comunidade e com o mundo que os rodeia.

O texto que vamos escutar inclui o chamado “Hino à Caridade”. O hino responde às tensões internas que sofre a comunidade de Corinto por causa da maior ou menor importância que é dada a cada carisma e serviço dentro da comunidade, tensões essas que dificultam a convivência.

No hino podemos distinguir três partes: a primeira mostra a superioridade da caridade, que está acima de qualquer outro ato grande e valioso (vv. 1-3), a segunda descreve quais são as características concretas dessa caridade proposta por Paulo (vv. 4-7) e a terceira declara a perenidade da caridade, que não termina nunca e que está acima da fé e da esperança (vv. 8-13). A segunda parte é a que nos interessa porque é aí que se descreve como é a caridade. Paulo recorre à perso-

nificação da caridade, que serve para compreender de forma simples e clara o amor a que somos chamados. O hino é uma exortação a toda a comunidade de Corinto para que descubra os carismas superiores e não se contente com uma vida medíocre, mas sim procure viver uma existência plena a partir dessa excelência que o Senhor Ihes propõe através do apóstolo. Mas fazendo sempre passar esses carismas superiores, essa ânsia de excelência pelo filtro da caridade, que coloca o outro, a comunidade, à frente de si mesmo.

TEXTO BÍBLICO

O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. (1 Co 13, 4-7)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

Esta secção do tema de estudo irá manter uma estrutura semelhante em todos os capítulos. Apresentaremos aqui três textos que nos irão guiar no nosso percurso e que nos ajudarão a conduzir a reflexão ao longo de todo o ano de atividades. Começaremos por percorrer a mensagem que o Papa endereçou às Equipas de Nossa Senhora no Encontro Internacional de Responsáveis Regionais de todo o mundo, reunidos em Roma no dia 10 de setembro de 2015. Continuaremos com extratos da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, que podem ser ampliados com a leitura completa dos pontos assinalados. Acabaremos sempre com palavras do Padre Caffarel extraídas dos seus editoriais, cartas, conferências, etc., que mantêm todo o seu vigor na atualidade.

Nas suas primeiras palavras, o Papa Francisco convida-nos a reconhecer o nosso carisma – a espiritualidade conjugal – no seio da Igreja, num momento em que esta pôs uma ênfase especial na família. Logo a partir do primeiro parágrafo, em que considera os casais como base fundamental da família, antecipamos um envio à missão. Não só somos casais na nossa equipa, mas também somos casais enviados a proporcionar apoio a outros casais, a outras pessoas... Iremos vendo ao longo da Alocução como se concretiza este envio. Este vai ser o fio

condutor de todo o tema de estudo proposto. A partir da nossa realidade sacramental, que reconhecemos e agradecemos, partimos em direção aos outros.

O Papa reitera também que outra das características essenciais do nosso carisma, a fecundidade, resulta do encontro de dois sacramentos, a ordem sacerdotal e o matrimônio. É algo que sabemos, que escutamos inúmeras vezes, mas que, de forma especial neste texto, é pedido, a nós casais, que sejamos apoio dos sacerdotes, agradecendo-nos essa tarefa, ao mesmo tempo que nos sentimos chamados a agradecer o seu ministério.

O extrato da *Amoris Laetitia* foi retirado do Capítulo 4: O amor no Matrimônio, núcleo central da Exortação onde é explicado esse hino de S. Paulo que rezamos. Vale a pena ler o Capítulo completo: os comentários, que partem do sentido etimológico e profundo das palavras que compõem este hino do amor, far-nos-ão reconhecer o amor a que fomos chamados com uma linguagem que podemos compreender, concretizado em atitudes da nossa vida diária de esposos e família. Agradecer a vivência de todas estas atitudes tornará possível dispormos para a missão a que vamos ser chamados.

O último é um texto do Padre Caffarel publicado na revista *l'Anneau d'Or*, nº 14, no ano de 1947, onde se reconhece essa afinidade mútua entre o casal e o Conselheiro Espiritual e onde nos é pedido que sejamos agradecidos e que rezemos pelos sacerdotes que nos acompanham. Como dizia o Padre Marcovits (O.P.) nas suas conferências sobre o Padre Caffarel durante o encontro de Roma de 2015, “esta relação, casal e sacerdote, é essencial para o futuro da Igreja: a maneira como for vivida essa relação entre os nossos dois sacramentos pode ser fonte de equilíbrio, de dinamismo, de renovação da Igreja”.

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

(Cf. texto integral no final deste caderno de temas)

“... É claro que um movimento de espiritualidade conjugal como o vosso se insere plenamente no âmbito do cuidado que a Igreja pretende ter com as famílias, e fá-lo quer promovendo a maturação dos casais que participam nas vossas equipas, quer com o apoio fraterno dado aos outros casais para junto dos quais eles são enviados. (...)

A este propósito, friso a fecundidade recíproca deste encontro vivido com o sacerdote conselheiro. Agradeço-vos, que-

ridos casais das Equipas de Nossa Senhora, porque sois um apoio e um encorajamento no ministério dos vossos sacerdotes que encontram sempre, no contacto com as vossas equipas e com as vossas famílias, alegria sacerdotal, presença fraterna, equilíbrio afetivo e paternidade espiritual...”

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

No chamado hino à caridade escrito por São Paulo, vemos algumas características do amor verdadeiro (...) (1 Co 13, 4-7). Isto pratica-se e cultiva-se na vida que os esposos partilham dia a dia entre si e com os seus filhos. (...)

Em todo o texto se vê que Paulo quer insistir em que o amor não é apenas um sentimento, mas que deve ser entendido no significado que tem o verbo «amar» em hebraico: é «fazer o bem». Como dizia Santo Inácio de Loyola, «o amor deve ser posto mais nas obras do que nas palavras». Pode assim demonstrar toda a sua fecundidade e permite-nos experimentar a felicidade de dar, a nobreza e a grandeza de se dar em superabundância, sem medir, sem reclamar recompensa, apenas pelo gosto de dar e de servir.

(...) Por isso, nunca se deve terminar o dia sem fazer as pazes na família. «E como devo fazer as pazes? Ajoelhar-me? Não! Para restabelecer a harmonia familiar basta um pequeno gesto, uma coisa de nada. (...) Hoje sabemos que, para se poder perdoar, precisamos de passar pela experiência libertadora de nos compreendermos e perdoarmos a nós mesmos. (...) Mas isto pressupõe a experiência de ser perdoados por Deus, justificados gratuitamente e não pelos nossos méritos. Fomos envolvidos por um amor prévio a qualquer obra nossa, que sempre dá uma nova oportunidade, promove e incentiva. Se aceitamos que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros, ainda que tenham sido injustos para conosco.

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

Fazia a última vigília junto a uns amigos que me tinham convidado para pregar aquele retiro. Voltei tarde para o meu quar-

to e, quando fechava as janelas, dei conta de umas luzes através das árvores. Entraram nos quartos, pensei, evocando as recordações dos participantes, e nesses quartos haverá esta noite uma ternura mais intensa e um amor maior a Deus.

Fiz então uma reflexão inesperada e que me parecia muito clara: a afinidade que há entre o casal e o sacerdote, a relação que une o sacerdote com a família cristã. Como são belas estas famílias!... e essa felicidade, essa plenitude que eles têm, é o que Cristo pede ao sacerdote que sacrifique... Que dom tão magnífico do discípulo ao seu Mestre! Como se pode compreender que o que renuncia ao amor e à paternidade seja precisamente o que tem o poder de reavivar a chama do amor? Será isto um paradoxo? Não, não é um paradoxo, mas sim uma misteriosa relação entre a Ordem e o Matrimónio.

Seria, de facto, muito superficial pensar que o sacerdote se abstém de fundar um lar por desprezo ao amor e à família. Não é por menosprezo, mas sim por consagração: é como o rebanho marcado para o sacrifício para que Deus bendiga todo o rebanho. Desta forma, a renúncia de um explicaria a pureza e o fervor do amor nos outros... Com esta perspectiva, não é evidente que o sacerdote e o casal se devem compreender? E apoiar? Não será, portanto, conveniente que o casal tenha para com o sacerdote uma gratidão ardente, ao valorizar muito melhor o seu sacrifício para que a sua própria vida familiar seja mais feliz e mais intensa e que reze para que a amizade com Cristo transfigure a sua solidão?

Henri Caffarel, *L'Anneau d'Or*, n° 14, Le foyer et le prêtre, p. 6

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. Acolhimento

b. Oração

Escutamos 1 Co 13,4-7.

Quando somos postos diante do Hino à Caridade, é lógico sentir alguma vertigem ao constatar a desproporção tão grande que há entre o que nos é pedido e o que podemos ou estamos dispostos a fazer. Por isso mesmo, hoje é-nos pedido que nos



sintamos presenteados, que tudo o que somos e temos é puro dom recebido do Senhor. É Ele quem tem sido e continua a ser paciente comigo, quem me tem tratado com amabilidade, quem não descarregou a sua ira apesar das minhas insistentes infidelidades e tropeções, quem não se fixa no mal mas sim no bem que há em mim, por pequeno que seja, e descobre as possibilidades que esconde o meu coração pobre e necessitado.

Façamos silêncio e procuremos recordar o que o Senhor fez com cada um, tudo o que nos deu, as vezes em que me senti amado e curado por Ele, deixando que brote no meu interior um agradecimento sincero e profundo.

- Dou-te graças, Senhor, porque foste especialmente paciente comigo, porque cuidaste de mim através de pessoas concretas que foram sinal e instrumento do teu amor no meio de...
- Dou-te graças...

c. Partilha

Ao começar um novo ano de atividades, podemos partilhar com a equipa os benefícios concretos que, na nossa vida, resultaram de viver os “Pontos Concretos de Esforço”.

Como sugestão, propomos para este mês um Dever de se Sentar em que o agradecimento seja a parte principal do vosso diálogo:

- Agradecimento a Deus pela sua presença e acompanhamento constantes na vida. Como o vivemos? Sabemos reconhecê-lo?
- Agradecimento ao nosso cônjuge. Neste Dever de se Sentar não há espaço para as recriminações, cumpre “dizer bem do outro”. Reconheçamos alguma atitude pessoal do outro que nos faça crescer, que nos ajude e pela qual estejamos especialmente agradecidos.
- Agradecimento à nossa equipa. Podemos destacar aqueles aspetos da nossa equipa pelos quais estejamos especialmente agradecidos.
- Agradecimento pela presença do nosso Conselheiro Espiritual.

A participação deste mês poderia dar especial ênfase a este Ponto Concreto de Esforço e neste Dever de se Sentar sobre o agradecimento.

d. *Pôr em comum*

Além de comentar em equipa as experiências do mês que foram significativas, somos convidados a reconhecer os momentos em que nos sentimos queridos e acompanhados, em que agradecemos do fundo do coração e naqueles em que o deveríamos ter feito e não nos atrevemos ou nem nos demos conta.

e. *Perguntas para a reflexão em equipa*

Neste momento não nos é pedida uma reflexão teórica sobre o amor ou uma discussão sobre como vivê-lo, mas sim um reconhecimento deste amor. Desta forma, cada um pode escolher dentro do tema alguma experiência desse amor que tenha sido vivida ao longo da nossa história como equipa, em pessoas concretas, em situações partilhadas, em momentos difíceis...

- Sentimos, em maior ou menor medida, este amor que S. Paulo nos convida a viver na nossa equipa?
- Em que momentos? Com que pessoas? Reconheci-o? Aceitei-o? Agradei-o?

f. *Em direção a Fátima*

Neste primeiro mês do ano de atividades já estão a ser formalizadas as inscrições para o Encontro Internacional de Fátima. Sabemos realmente o que é? Reconhecemos a sua importância? Como encaramos o Encontro? Já refletimos sobre isto? Já pensamos em participar pessoalmente? Se, por qualquer circunstância, não podemos participar fisicamente, como podemos estar unidos a ele pelo coração?

g. *Magnificat*

SEGUNDO CAPÍTULO

Saindo

Objetivo



- Reconhecer o chamamento que foi feito às Equipas para que saíamos da nossa zona de conforto.
- Estar conscientes de que a missão é parte essencial da vocação e do carisma da nossa forma de ser Equipas de Nossa Senhora.
- Comprometer-nos a viver a partir de um espírito missionário, que sai de si mesmo e se abre aos outros.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Na conferência dirigida a todos os Responsáveis Regionais reunidos em Roma em setembro de 2015, Tó e Zé Moura Soares, responsáveis internacionais, davam ênfase à nossa forma de sermos missionários:

“O principal aspeto da missão de um casal cristão deve ser o de mostrar ao mundo a novidade das suas experiências, sem grandes fórmulas ou métodos, mas com o testemunho de um compromisso responsável e com uma vontade renovada para se abrir com generosidade e humildade a uma vida frutífera (...). A este respeito, o Papa Francisco afirmou no seu discurso diante do Conselho da Europa que «quem dialogue apenas dentro dos grupos fechados a que se pertence fica a meio da estrada». A resposta a estas inquietantes afirmações, quer seja segundo o Papa, quer seja de acordo com o Padre Caffarel, só pode ser dada através da fecundidade do nosso Movimento, dando testemunho das maravilhas que este sacramento produz nos casais e não se limitando a repetir com palavras já desgastadas o que outros dizem melhor do que nós”.

(Tó e Zé Moura Soares, “O mundo em mudança interpela as ENS”, III Encontro Internacional de Responsáveis Regionais, Roma, 2015)

Esta realidade missionária foi vivida desde o início das Equipas de Nossa Senhora. Já na Carta Fundadora de 1947 era reconhecida a urgência de dar testemunho do amor conjugal e da ajuda mútua

fraterna: *“As Equipas de Nossa Senhora pensam que, hoje como então, os não crentes serão conquistados se virem lares cristãos amarem-se verdadeiramente e ajudarem-se mutuamente na procura de Deus e no serviço dos seus irmãos. Assim, o amor fraternal ultrapassa a ajuda, tornando-se testemunho”*. Não podemos ficar com uma visão restritiva do que somos enquanto Movimento de espiritualidade conjugal já que, por vezes, esta ideia poderá ter sido utilizada para tranquilizar consciências. Agora, mais do que nunca, isto não é possível. Trata-se de atualizar e estar atentos, neste preciso momento da nossa história, a como podemos viver esse sentido profundo da nossa missão. Enquanto parte constitutiva do nosso carisma, teremos de entender a missão não como qualquer coisa “mais”, um extra que podemos colher ou deixar, mas sim como uma consequência iniludível da nossa própria essência e da nossa espiritualidade.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

O texto proposto foi extraído do Evangelho de Lucas. A palavra Evangelho vem do grego e significa “boa notícia”. Não se trata de uma notícia qualquer, mas sim de uma capaz de transformar a nossa vida. Essa boa notícia é o próprio Jesus que vem ao nosso encontro como Salvador.

A tradição cristã atribui, desde os finais do século II, o terceiro Evangelho a Lucas, um dos companheiros de Paulo, que o teria escrito nos anos 80-90 D.C. De acordo com Col 4, 10-14, Lucas não era judeu e é conhecido como “o médico querido”. É provável que tenha vivido no sul da Grécia e que algum missionário cristão lhe tenha anunciado a boa notícia do Evangelho de Jesus. Como consequência do encontro com Jesus, integra-se na comunidade cristã e decide escrever um Evangelho que dirige a Teófilo para que conheça a solidez dos ensinamentos que recebeu (cf. Lc 1, 1-4). Teófilo quer dizer, o “amado por Deus” ou o “amigo de Deus”. Pode referir-se a uma pessoa com esse nome, mas também a qualquer pessoa amada por Deus.

O texto selecionado (Lc 14, 12-14) pertence à catequese de Jesus aos seus discípulos no caminho para Jerusalém. O relato apresenta Jesus que é convidado a comer na casa de um dos chefes dos fariseus. Jesus, participando nos banquetes, vai ao encontro de muitas pessoas. Encontra aí ocasião para partilhar as suas vidas, para as conhecer mais

a fundo e para deixar que lhe dirijam perguntas sobre temas concretos, incluindo ser vítima de provocações.

Jesus não rejeitava essas ocasiões e participava nesses encontros, observava atentamente a realidade e, depois, dizia com liberdade o que acreditava. O nosso texto apenas recolhe as palavras dirigidas para o convidado e para o anfitrião da casa. Jesus propõe-lhe que mude a sua forma de atuar e os seus esquemas para aprender a viver a partir da gratuidade.

TEXTO BÍBLICO

Disse, depois, a quem o tinha convidado: «Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te. Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz por eles não terem com que te retribuir; ser-te-á retribuído na ressurreição dos justos.» (Lc 14,12-14).

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

O Papa, com as suas palavras dirigidas às Equipas, impele-nos a reconhecer que tudo o que é partilhado e vivido no nosso matrimónio, no nosso sacerdócio e nas nossas equipas não é para nós próprios: “Deus, pensando em todos escolhe alguns” (Lc 6, 12). Não podemos, portanto, ficar num cristianismo dentro de portas num mundo que necessita do nosso testemunho. E, partindo da nossa vocação matrimonial e sacerdotal, devemos anunciar e proclamar a Boa Nova de Jesus.

Na *Amoris Laetitia* este impulso missionário é concretizado no cuidar da vocação matrimonial (que refletiremos no terceiro capítulo) e de um testemunho alegre e vivo de famílias cristãs que não ocultam a sua razão de ser e que no seu viver quotidiano oferecem um espírito de família atento, aberto às necessidades dos outros (que constituirá a reflexão para o capítulo quatro).

Longe de nos fecharmos nas nossas zonas de conforto, como casas e famílias cristãs, devemos ser sinal do amor de Jesus pelos mais

necessitados, pelos mais vulneráveis (temas que iremos trabalhar nos capítulos cinco a sete), sendo que isto não pode ficar pelas meras palavras, mas sim ser concretizado na nossa vida diária.

O texto do Padre Caffarel foi retirado de um número extraordinário da revista *l'Anneau d'Or*, nº 111-112, intitulado *O matrimônio*, esse grande sacramento, correspondente a maio-agosto de 1963. É um extrato do artigo sobre o “Sacerdócio do matrimônio” onde o Padre Caffarel reflete sobre a função sacerdotal do casal “eleito”, “chamado” por Deus para participar na missão da Igreja, que se oferece e proclama diante do mundo que está ao serviço dos homens e de Deus.

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

*(...) E com efeito, gostaria de insistir sobre este papel missionário das Equipas de Nossa Senhora. Cada casal comprometido recebe certamente muito de quanto vive na própria equipa e a sua vida conjugal aprofunda-se e aperfeiçoa-se graças à espiritualidade do movimento. Mas, depois de ter recebido de Cristo e da Igreja, o cristão é irresistivelmente enviado para fora a fim de testemunhar e transmitir aquilo que recebeu. «A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados» (Ex. ap. *Evangelii gaudium*, 120). Os casais e as famílias cristãs encontram-se muitas vezes nas melhores condições para anunciar Jesus Cristo às outras famílias, para as apoiar, fortalecer e encorajar. Aquilo que viveis no casal e na família — acompanhado pelo carisma próprio do vosso movimento — esta alegria profunda e insubstituível que o Senhor vos faz experimentar na intimidade doméstica entre as alegrias e as dores, na felicidade da presença do vosso cônjuge, no crescimento das vossas crianças, na fecundidade humana e espiritual que Ele vos concede, tudo isto deve ser testemunhado, anunciado, comunicado fora para que outros, por sua vez, sigam este caminho. Portanto encorajo, em primeiro lugar, todos os casais a pôr em prática e a viver em profundidade, com constância e perseverança, a espiritualidade que as Equipas de Nossa Senhora seguem. (...)*

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

183. Um casal de esposos, que experimenta a força do amor, sabe que este amor é chamado a sarar as feridas dos

abandonados, estabelecer a cultura do encontro, lutar pela justiça. Deus confiou à família o projeto de tornar «doméstico» o mundo, de modo que todos cheguem a sentir cada ser humano como um irmão: «Um olhar atento à vida quotidiana dos homens e das mulheres de hoje demonstra imediatamente a necessidade que há, em toda a parte, duma vigorosa injeção de espírito familiar. (...) Não só a organização da vida comum encalha cada vez mais numa burocracia totalmente alheia aos vínculos humanos fundamentais, mas até o costume social e político mostra frequentemente sinais de degradação». Pelo contrário, as famílias magnânimas e solidárias abrem espaço aos pobres, são capazes de tecer uma amizade com aqueles que estão a viver pior do que elas. Se realmente têm a peito o Evangelho, não podem esquecer o que diz Jesus: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). Em última análise, vivem o que nos é pedido, de forma tão eloquente, neste texto: «Quando deres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem os teus vizinhos ricos; não vão eles também convidar-te, por sua vez, e assim retribuir-te. Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos. E serás feliz» (Lc 14, 12-14). Serás feliz! Aqui está o segredo duma família feliz.

184. Com o testemunho e também com a palavra, as famílias falam de Jesus aos outros, transmitem a fé, despertam o desejo de Deus e mostram a beleza do Evangelho e do estilo de vida que nos propõe. Assim os esposos cristãos pintam o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa. A sua fecundidade alarga-se, traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade.

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

O sacramento do matrimónio dá ao casal uma função de igreja que tem uma missão apostólica incontestável, original. Insostituível. O casal tem um apostolado específico que ninguém pode substituir: (...) O apostolado “profético” do casal.

No sentido bíblico do termo, o profeta é o homem que fala em nome de Deus. Pela sua vida, pelo seu exemplo, pelo seu

comportamento, o casal cristão deve proclamar a doutrina do matrimônio. Não basta que os sacerdotes ensinem a teologia e a moral do matrimônio, faz falta que os casais cristãos que vivem o matrimônio em toda a sua plenitude a mostrem. Dito de outra maneira, faz falta que, vendo como vive um casal cristão, todos os homens e mulheres que aspiram ao amor humano compreendam que Cristo veio salvar o amor, que lhe conferiu uma grandeza e um novo esplendor.

Henri Caffarel, "O sacerdócio do matrimônio, l'Anneau d'Or",
nº 111-112, maio-agosto 1963

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. Acolhimento

b. Oração

Escutamos Lc 14, 12-14.

No Evangelho que nos ajudou durante o mês, a resposta de Jesus ao anfitrião do banquete é um convite a viver a gratuidade, quer dizer, a capacidade de amar sem esperar nada em recompensa. Jesus convida-nos a sair de nós mesmos para entrar nesta dinâmica da gratuidade.

Somos humanos e limitados e, normalmente, os nossos atos de generosidade não são tão generosos como poderiam parecer. No fundo, por trás de cada gesto bondoso geralmente esperamos qualquer coisa em troca: agradecimento, reconhecimento, ser correspondido...

No capítulo anterior éramos convidados a reconhecer e a agradecer tudo o que de bom Deus fez em nós. É o primeiro passo para viver a gratuidade. Só quem recebeu algo grátis pode dá-lo gratuitamente. Só quem se sabe profundamente tocado pela misericórdia de Deus pode pôr-se a caminho para ir ao encontro e fazer o mesmo com os outros sem esperar nada em troca.

Façamos silêncio e peçamos-lhe essa gratuidade que nos leve a viver toda a nossa vida, enquanto pessoa, enquanto casal e enquanto equipa, a partir de uma profunda gratuidade que

nos ajude a sair de nós mesmos para ir ao encontro de quem mais necessita:

- Dou-te graças, Senhor, por tanto dom recebido. Peço-te que me concedas ser agradecido, estar atento, sair de mim mesmo e aprender a amar gratuitamente, sem esperar nada como recompensa, em especial...
- Dou-te graças...

c. Partilha

Em alguns momentos poderia parecer que os Pontos Concretos de Esforço são ajudas à nossa “santificação” conjugal sem ter em conta que esta santificação, se não passar pela missão, se pode converter num mero “perfeccionismo” pessoal que não tem nada a ver com o Evangelho. Podemos, por isso, partilhar com a equipa em que medida os Pontos Concretos de Esforço têm sido uma ajuda para sairmos de nós mesmos, para viver a santificação em ritmo de missão.

Retomando os objetivos do início do capítulo, sugerimos alguma pistas para o Dever de se Sentar:

- Vivemos o nosso matrimónio como uma vocação que nos impele a crescer, ou é uma rotina agradável em que nos instalámos?
- Perante um mundo desorientado e dececionado em relação às expectativas do matrimónio, atrevemo-nos a comprometermo-nos e estamos dispostos a sair de nós mesmos e da “bolha” segura que é a nossa equipa?
- Como podemos oferecer a outros casais um testemunho atrativo do nosso amor matrimonial?

d. Pôr em comum

Neste momento, para além de partilhar as experiências significativas que tivemos oportunidade de viver este mês, somos convidados a partilhar os “chamamentos” que tivemos para sair de nós mesmos e como lhes demos resposta. Talvez não tenhamos dado conta desse chamamento, talvez o tenhamos intuído

mas fomos “preguiçosos”, talvez nos tenha sido dada a graça de viver a missão concreta que nos foi proposta.

e. Perguntas para a reflexão em equipa

Depois de termos lido o tema de estudo, de termos rezado, partilhado e posto em comum, podemos perguntar-nos:

- Em que medida o facto de pertencermos às Equipas de Nossa Senhora nos tem feito viver o nosso matrimónio e família em espírito de missão?
- Que meios concretos nos ajudaram a reconhecer e a acolher essa missão?
- Como equipa, partilhamos e animamo-nos na missão? De que maneira? Como podemos melhorar?

f. Em direção a Fátima

Pedimos-vos este mês uma reflexão sobre a nossa solidariedade, que seria uma forma de missão, para o Encontro de Fátima. Já pensámos poder ajudar para que possam ir outros da nossa equipa, do nosso sector, da nossa região, da nossa Supra Região, de outras Supra Regiões e Regiões Ligadas? Esta ajuda pode concretizar-se de muitas formas: económica, pessoal, cuidando e dando apoio a familiares de equipistas durante os dias do encontro, orando, animando...

g. Magnificat

Sendo Casal

Objetivo



- Reconhecer que a nossa primeira missão é viver em plenitude a vocação a que fomos chamados.
- Agradecer os meios concretos que são postos à nossa disposição para viver o matrimónio e a família a partir do projeto que Deus tem para nós.
- Renovar o nosso compromisso conjugal.

1. INTRODUÇÃO GERAL

“No contexto histórico do nosso Movimento, o que permanece sempre novo no seu tesouro é a aposta na santidade conjugal, no amor conjugal vivido segundo Deus, quer dizer, que o cônjuge ama o outro pelo que é, não pelo que ele possa dar. Mas, o que nos permite definir o que é o outro senão o amor que Deus tem por essa pessoa? O que fundamenta o mandamento divino de amar, incluindo os inimigos, senão o facto de também eles serem criaturas e filhos de Deus, amados por um amor que os precede e que o nosso amor amável por eles os deve ajudar a descobrir? Temos aqui, queridos casais, um grande programa de vida e uma excelente regra de vida: reconhecer que o outro também é amado por Deus tal como eu sou.”

(Padre Jacinto Farias - Homilia na Missa de Encerramento do Colégio Internacional – Swanwick, 28 de julho de 2016)

Para levar a cabo esta proposta, vivida no mundo em que a instituição do matrimónio está em crise e onde a realidade de cada dia não nos ajuda a viver a nossa vocação, parece que se torna imprescindível que a primeira missão do casal seja cuidar desse dom que lhe foi entregue. Como nos indica o Papa Francisco na sua Carta Apostólica *Misericórdia et Misera*: “O dom do matrimónio é uma grande vocação, que se há de viver, com a graça de Cristo, no amor generoso, fiel e paciente. A beleza da família permanece inalterada, apesar de tantas sombras e propostas alternativas”. MM14



Todos estamos conscientes de que, hoje em dia, deixarmo-nos levar pela rotina ou pelas propostas que o mundo nos faz, não nos ajuda a poder viver a decisão de nos amarmos e respeitarmos durante toda a vida e de sermos capazes de receber de Deus, responsável e amorosamente, os filhos e de os educar segundo a lei de Cristo e da Sua Igreja. Por isso, se estamos decididos a viver as promessas que fizemos no dia do nosso casamento, necessitamos de ferramentas que, no meio da nossa debilidade e da experiência de “ir contra a corrente”, ajudem o casal a permanecer fiel à vocação recebida.

Por esta razão, toda a pedagogia das equipas, todos os Pontos Concretos de Esforço, as reuniões, a formação, os encontros... se convertem em meios imprescindíveis para que num mundo, que às vezes se nos mostra adverso, possamos viver a missão específica do nosso ser casal.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

O livro de Tobias é uma história de família. Os homens de Tobit e da sua família (Tobiel, seu pai, e Tobias, seu filho) têm todos a mesma raiz hebraica (tob) que significa bom, e fazem referência à bondade de Deus que se manifesta neste relato. O livro procura ensinar aos judeus da diáspora um modelo de conduta para poderem ser fiéis ao Senhor no meio das circunstâncias em que tiveram de viver. O livro expõe, usando um estilo narrativo, a interpretação que o israelita crente faz da vida, contendo conselhos morais, pequenas pregações, esperanças históricas e motivações religiosas. Os personagens da história aprendem a ser fiéis ao Senhor no meio de grandes dificuldades. O Senhor não faz desaparecer o sofrimento das suas vidas, mas mostra-se próximo e ajuda-os na superação. O anjo Rafael (cujo nome significa “remédio de Deus”), que cura Tobit e Sara das suas enfermidades, representa a Providência Divina que cuida de nós. O relato oferece uma visão avançada do matrimónio que é apresentado, não apenas como uma instituição familiar onde intervêm os sogros, mas sim como um compromisso que os noivos assumem livremente diante de Deus.

Tobias e Sara estão a passar por momentos duros e compreendem que o casal e a sua união não serão possíveis se não estiverem fundamentados na oração. Por isso, dirigem a sua oração a Deus a partir do momento em que decidem unir as suas vidas para sempre. A sua oração

começa com uma bênção, segue-se uma invocação em que recordam a vontade do Senhor quando criou o homem e a mulher e conclui com um pedido. A sua oração não é para eles, mas sim *para Deus*. A sua oração não é apenas um meio de aprofundar a sua intimidade conjugal mas sim, sobretudo, uma forma de se unirem, enquanto casal, à vontade de Deus. Louvor, memória e pedido podem ser um esquema chave para a nossa oração conjugal.

TEXTO BÍBLICO

“Entretanto, os pais de Sara tinham saído e fechado a porta do quarto. Tobias, então, ergueu-se do leito e disse à esposa: «Irmã, levanta-te; vamos orar para que o Senhor nos conceda a sua misericórdia e salvação.»

Levantaram-se ambos e puseram-se a orar e a implorar que lhes fosse enviada a salvação, dizendo: «Bendito sejas, Deus dos nossos pais, e bendito seja o teu nome, por todas as gerações; louvem-te os céus e todas as tuas criaturas, por todos os séculos. Tu criaste Adão e deste-lhe Eva, sua esposa, como amparo valioso, e de ambos procedeu a linhagem dos homens. Com efeito, disseste: Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe uma auxiliar semelhante a ele. Agora, Senhor, Tu bem sabes que não é com paixão depravada que agora tomo por esposa a minha irmã, mas é com intenção pura. Permite, pois, que eu e ela encontremos misericórdia e cheguemos juntos à velhice.» E ambos responderam ao mesmo tempo: «Ámen! Ámen!» Depois, deitaram-se para passar a noite”. (Tobias, 8, 4-9)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

“Os Pontos Concretos de Esforço são a pedagogia que faz com que o amor conjugal seja encarnado na vida e preparam-nos para partir em missão, mais unidos, mais abertos ao seu chamamento e com maior esperança. Essa pedagogia não nos propõe fazer coisas no exterior que aumentariam a lista de obrigações que a complexidade da vida vai

fazendo cair em cima de cada um de nós, mas sim uma proposta a que assimilamos atitudes de fundo, atitudes que dão coesão à vida” (Álvaro y Mercedes Gómez-Ferrer, III Encontro Hispano-americano, setembro 2016.)

O Papa na sua alocução reconhecia os meios concretos que as Equipas puseram nas nossas mãos como uma ferramenta privilegiada para viver a nossa vocação.

O texto do Padre Caffarel provém, mais uma vez, do número extraordinário da revista *L’Anneau d’Or* de maio-agosto de 1963, *O matrimónio, esse grande sacramento*. Em concreto, do artigo *O casal, após-tolo*. Para o Padre Caffarel, ajudar a conhecer a Deus, proclamar o seu amor é a primeira missão de um casal e o par humano revela melhor do que qualquer outra criatura que Deus Pai é uma comunidade de pessoas que se amam. “*O homem e a mulher, unidos pelo amor, são a parábola viva da comunidade divina*”. Esta aspiração tão elevada acaba por se concretizar no nosso viver diário, se fazemos uma paragem e nos damos conta, se estamos conscientes do que queremos fazer com a nossa vida. O Padre Caffarel dizia: “*Gostaria que cada um se perguntasse: Como posso servir para alguma coisa neste grande empreendimento que é a renovação do matrimónio cristão no mundo?*”. O Papa, na *Amoris Laetitia*, dá-nos indicações em numerosas ocasiões. Escolhemos vários fragmentos onde se reconhece a capacidade da família para fazer face a uma sociedade cada vez mais individualizada, propondo um lugar onde ninguém se sinta sozinho e onde possamos ser participantes da mesma obra criadora e fecunda de Deus.

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

(...) “*Considero que os «pontos concretos de esforço» propostos são deveras ajudas eficazes que permitem que os casais progridam com confiança na vida conjugal pelo caminho do Evangelho. Penso em particular na oração de casal e em família, bonita e necessária tradição que sempre apoiou a fé e a esperança dos cristãos, infelizmente abandonada em tantas regiões do mundo; penso também no tempo do diálogo mensal proposto entre esposos — o famoso e importante «Dever de se Sentar» que vai assim contracorrente em relação aos costumes do mundo frenético e agitado, impregnado de individualismo — momento de intercâmbio vivido na verdade sob o olhar do Senhor, que é um tempo*

precioso de agradecimento, de perdão, de respeito recíproco e de atenção ao outro; penso por fim na participação fiel numa vida de equipa, que dá a cada um a riqueza do ensinamento e da partilha, assim como a ajuda e o conforto da amizade. (...)

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

33. *“há que considerar o crescente perigo representado por um individualismo exagerado que desvirtua os laços familiares e acaba por considerar cada componente da família como uma ilha, fazendo prevalecer, em certos casos, a ideia dum sujeito que se constrói segundo os seus próprios desejos assumidos com caráter absoluto». «As tensões causadas por uma cultura individualista exagerada da posse e fruição geram no seio das famílias dinâmicas de impaciência e agressividade». Gostaria de acrescentar o ritmo da vida atual, o stresse, a organização social e laboral, porque são fatores culturais que colocam em risco a possibilidade de opções permanentes.”*

9. *Cruzemos então o limiar desta casa serena, com a sua família sentada ao redor da mesa em dia de festa. No centro, encontramos o casal formado pelo pai e a mãe com toda a sua história de amor. Neles se realiza aquele desígnio primordial que o próprio Cristo evoca com decisão: «Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher?» (Mt 19, 4). E retoma o mandato do livro do Génesis: «Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne» (Gn 2, 24).*

321. *«Os esposos cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé um para com o outro, para com os filhos e demais familiares». Deus convida-os a gerar e a cuidar. Por isso mesmo, a família «foi desde sempre o “hospital” mais próximo». Prestemo-nos cuidados, apoiemo-nos e estimulemo-nos mutuamente, e vivamos tudo isto como parte da nossa espiritualidade familiar. A vida em casal é uma participação na obra fecunda de Deus, e cada um é para o outro uma permanente provocação do Espírito. O amor de Deus exprime-se «através das palavras vivas e concretas com que o homem e a mulher se declaram o seu amor conjugal». Assim, os dois são entre si reflexos do amor divino, que conforta com a palavra, o olhar, a ajuda, a carícia, o*

abraço. Por isso, «querer formar uma família é ter a coragem de fazer parte do sonho de Deus, a coragem de sonhar com Ele, a coragem de construir com Ele, a coragem de unir-se a Ele nesta história de construir um mundo onde ninguém se sintá só».

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

“Há uma palavra que dá realce à missão recíproca: a de «ministro». Porque sois ministros, não só do vosso sacramento no dia da celebração do vosso casamento mas sim, ainda que de outra forma, em cada dia. Um ministro é uma pessoa que atua em nome de outra para uma determinada tarefa. Ou mais exatamente: Esse outro atua através dela. No matrimónio, esse outro é Cristo. Marido e mulher, Cristo encarregou-vos de uma missão para com o vosso cônjuge. Cristo opera através de vós e com vós mesmos naquele que vos foi confiado: dando-vos um ao outro, Ele quer dar-se, pede a cada um de nós que o acolhamos, acolhendo o dom do outro (...).

Há, porém, que compreender bem este ministério e como deveis atuar na vossa santificação mútua, não como os pregadores que apontam um ao outro tarefas piedosas, mas sim essencialmente através do próprio exercício da vossa vocação de esposos e pais. Não se trata, portanto, de «fazer o bem» ao vosso cônjuge, mas sim de vos ajudardes e amardes, amar os vossos filhos e apoiá-los no exercício da vossa paternidade-maternidade.”

(Henri Caffarel, “O casal, apóstolo, L’Anneau d’Or”, maio-agosto 1963)

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. Acolhimento

b. Oração

Escutamos a leitura do livro de Tobias.

Como nos diz o texto do Padre Caffarel, “sois ministros, não só do vosso sacramento no dia da celebração do vosso casamento mas sim, ainda que de outra forma, em cada dia”. Todos os dias sois chamados diante de Deus a renovar a vossa entrega mútua e a ser, um para o outro, presença do amor de Deus.

Por isso, hoje, na presença do conselheiro espiritual e da comunidade cristã representada pela equipa, sois convidados a renovar as vossas promessas:

Esposo: *Bendito sejas, Senhor, porque foi um presente teu receber N. como minha esposa.*

Esposa: *Bendito sejas, Senhor, porque foi um presente teu receber N. como meu marido.*

Ambos: *Bendito sejas, Senhor, porque estiveste amorosamente connosco nas alegrias e nas tristezas da nossa vida. Pedimos-Te que nos ajudes a guardar fielmente nosso amor mútuo para que sejamos fiéis testemunhas da aliança que estabeleceste com os homens.*

Sacerdote: *(os esposos dão as mãos) Que o Senhor vos guarde todos os dias da vossa vida. Que Ele seja para vós consolo na adversidade, companheiro na prosperidade e derrame copiosamente as suas bênçãos sobre vós. Por Jesus Cristo, nosso Senhor.*

R/ Amén.

c. Partilha

Este mês, somos convidados a partilhar os Pontos Concretos de Esforço que nos ajudam no dia a dia a viver a nossa vocação e os que não têm repercussão real na nossa vocação.

Como proposta para o Dever de se Sentar:

É importante que conheçamos e usemos devidamente os meios que as equipas nos oferecem e que sejamos capazes de rever com honestidade o nosso compromisso conjugal, adaptando-o aos momentos e às situações que estamos a viver e renovando a decisão de nos amarmos.

É verdade que:

- Esperamos pelo momento da oração conjugal como um tempo de encontro privilegiado com o meu cônjuge?
- Vivemos a Eucaristia dominical como rotina ou como ocasião de graça?

- 
- 
- O nosso diálogo transformou-se num tempo de pôr em comum aspetos da logística familiar ou num tempo de profunda atualização do nosso projeto de vida?

d. Pôr em comum

O Pôr em Comum, que tem como objetivo comunicar o acontecimento ou a situação que durante o mês nos interpelou e pode ser interessante para os outros e para a vida da equipa, pode, este mês, centrar-se especialmente em algum meio ou vivência concretos que nos tenham ajudado na nossa vida conjugal e familiar, tal como nos foi salientado nos textos.

e. Perguntas para a reflexão em equipa

- Descobrimos que viver a nossa vocação matrimonial/sacerdotal é primeira forma de concretizar a missão a que somos chamados?
- Que Pontos Concretos de Esforço nos ajudam mais? Qual devemos potenciar?
- O que poderíamos fazer como equipa para nos ajudar a viver com maior profundidade estes meios?

f. Em direção a Fátima

Para poder querer qualquer coisa é preciso conhecê-la. Se não a consideramos como coisa que nos pertence será muito difícil sentirmo-nos parte do Encontro. A proposta para este mês é que estejamos atentos a todas as informações que estão ao nosso alcance: cartas, boletins, *web* e redes sociais...

g. Magnificat

QUARTO CAPÍTULO

Irradiando

Objetivo



- Estar conscientes de que é vivendo a nossa vocação que anunciamos ao mundo a alegria do matrimônio.
- Procurar meios de mostrar à nossa volta a boa notícia para o casal e para a família que está realmente contida no Evangelho.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Tal como foi trabalhado no capítulo anterior, a missão a que somos chamados pelo sacramento do matrimônio ou do sacerdócio começa por disponibilizar todos os meios para viver fielmente a vocação recebida. A partir da nossa realidade, sendo em profundidade o que somos poderemos irradiar e ser sinais do amor de Deus.

É esta experiência de fidelidade que, no meio de tantas dificuldades, num primeiro momento converterá a nossa vocação concreta em “luz e sal” que ilumine a todos e seja presença de Jesus onde quer que estejamos. Mas também é verdade que há momentos em que devemos explicitar a nossa fé, proclamar a alegria do matrimônio. Se o amor dos cônjuges é para sempre, é porque participa pelo sacramento do matrimônio no próprio amor de Deus que é eterno. Deus propõe ao homem e à mulher que se amem com o seu próprio amor, que sejam sinal e presença do seu amor no mundo de forma que, quando alguém quiser saber como é o amor de Deus, olhando para um casal o possa ver refletido. O Evangelho pede aos cristãos casados que convertam a sua vida num sinal do amor de Deus, que sabe perdoar, ajudar, exigir, entregar-se sem recompensa e tudo isto sem perder a própria personalidade. A condição imprescindível é viver confiantes naquele que os embarcou neste compromisso: Deus. Ele é a única garantia desta aventura.

Por isso, depois de reconhecer que a nossa primeira missão é viver em plenitude a nossa vocação, somos convidados este mês a refletir, rezar e partilhar como continuar a concretizá-la, já que não pode ser

qualquer coisa abstrata, mas sim deve estar encarnada nas nossas vidas e afazeres quotidianos, de onde somos chamados a irradiá-la com alegria, otimismo e esperança.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

A passagem que vamos escutar encontra-se na primeira parte do discurso de despedida de Jesus e no contexto da última cena do Evangelho de João.

O Evangelho de João divide-se em duas grandes partes, precedidas de um prólogo e seguidas de um epílogo: a primeira parte (1, 19-12, 50) está centrada nos sinais realizados por Jesus durante o seu ministério público. A segunda parte (13, 1-20, 30) está centrada no mistério da redenção (a última ceia, a paixão, a morte e ressurreição de Jesus). Jesus dá o mandamento do amor no contexto de intimidade do cenáculo, depois da ceia. Os discípulos querem segui-lo, mas Jesus diz-lhes que a forma como o irão seguir não é indo fisicamente com ele naquela altura, mas sim iniciando um caminho como discípulos, cuja característica fundamental é o amor. Viver o mandamento do amor é a forma que os discípulos têm de seguir o seu mestre.

TEXTO BÍBLICO

“Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13, 34-35)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

O Papa convida-nos a viver o que somos, família, tal e como Deus quer para além das propostas que deformam o testemunho da família

que, a exemplo da de Nazaré, mostra o amor Trinitário. Reconhece o nosso sentido missionário nessa irradiação diante dos outros, nos que estão mais próximos de nós, mas também nos que estão à nossa volta embora não tão perto. *Amoris Laetitia* ajuda a concretizar esta missão, anima-nos a não ter medo de propor o matrimónio à sociedade, a que proclamemos através da nossa vida o seu valor. Já não valem as teorias, as normas, as palavras que podem ficar vazias, somos convidados a dar testemunho da nossa vida.

Neste sentido, as palavras do Padre Caffarel, escritas no editorial da “Carta” mensal das Equipas de junho de 1950, incidem também nessa missão de viver no mundo, irradiando diante dos outros a maravilha de sermos casais cristãos. Num momento em que as Equipas estavam a ter início e se podia cair na tentação de pensar que eram “grupos de espiritualidade”, no sentido restritivo do termo, o Padre Caffarel insistia com especial afinco na necessidade de saber atribuir à palavra espiritualidade um sentido integral, um sentido completo: aquele que não permite separar os aspetos que, em princípio, podemos identificar como espirituais na nossa vida diária, como sejam a oração e a vida interior, dos de um compromisso de viver em plenitude o nosso ser cristão. No lugar onde estamos, aí onde vivemos, na nossa família, casa, local de trabalho, atividades de tempos livres, etc., devemos ter Cristo como exemplo e, muito especialmente, servir como Ele faria. Esse é o testemunho de vida válido.

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

“(...) Convido os casais, fortalecidos pelo encontro em equipa, ao compromisso missionário. Esta missão que lhes está confiada é muito importante porque a imagem da família — como Deus a quer, composta por um homem e uma mulher em vista do bem dos cônjuges e também da geração e da educação dos filhos — é deformada mediante poderosos projetos contrários, apoiados por colonizações ideológicas. Sem dúvida, já sois missionários mediante a irradiação da vossa vida de família em relação aos vossos âmbitos de amizade e de relações, e também além. Com efeito, uma família feliz, equilibrada, habitada pela presença de Deus fala por si mesma do amor de Deus por todos os homens...”

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

35. *“Como cristãos, não podemos renunciar a propor o matrimónio, para não contradizer a sensibilidade atual, para estar na moda, ou por sentimentos de inferioridade face ao descalabro moral e humano; estaríamos a privar o mundo dos valores que podemos e devemos oferecer. É verdade que não tem sentido limitar-nos a uma denúncia retórica dos males atuais, como se isso pudesse mudar qualquer coisa. De nada serve também querer impor normas pela força da autoridade. É-nos pedido um esforço mais responsável e generoso, que consiste em apresentar as razões e os motivos para se optar pelo matrimónio e a família, de modo que as pessoas estejam melhor preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece.”*

201. *«Por isso exige-se a toda a Igreja uma conversão missionária: é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas». A pastoral familiar «deve fazer experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade. Não se trata apenas de apresentar uma normativa, mas de propor valores, correspondendo à necessidade deles que se constata hoje, mesmo nos países mais secularizados». De igual modo «sublinhou-se a necessidade duma evangelização que denuncie, com desassombro, os condicionalismos culturais, sociais, políticos e económicos, bem como o espaço excessivo dado à lógica do mercado, que impedem uma vida familiar autêntica, gerando discriminação, pobreza, exclusão e violência. Para isso, temos de entrar em diálogo e cooperação com as estruturas sociais, bem como encorajar e apoiar os leigos que se comprometem, como cristãos, no âmbito cultural e socio-político».*

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

“Sem dúvida, é necessário precisar bem o que a palavra espiritualidade designa. A espiritualidade é a ciência que trata da vida cristã e dos meios que a conduzem à sua plenitude. Ora

bem, a vida cristã na sua totalidade não é apenas adoração, louvor, ascese, esforço de vida interior. É também servir a Deus no lugar onde Ele nos colocou: família, profissão, cidade... Por isso, os casais que se reúnem para se iniciar na sua espiritualidade, longe de procurar meios para se evadirem do mundo, esforçam-se por aprender como podem servir a Deus em toda a sua vida e no meio do mundo, seguindo o exemplo de Cristo.”

Henri Caffarel, Editorial da carta mensal de junho de 1950

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. Acolhimento

b. Oração

Escutamos Jo 13,34-35.

O mandamento do amor é a característica dos discípulos de Jesus. Não haja dúvida de que também o é para os esposos cristãos que se comprometeram a amar-se para sempre. A partir desta promessa, os esposos declaram que o amor não é uma questão de sentimentos nem de impulsos, nem sequer que é algo “para eles”, que os vá encerrar num *bunker* idílico à margem de todos os outros.

O amor dos esposos é reflexo do amor de Deus. Vós sois um símbolo e a vossa forma de amar é o sinal para que os outros possam conhecer o amor de Deus.

- Dou-te graças, Senhor, pelos esposos cujo amor foi reflexo do teu amor, especialmente...
- Senhor, peço-te que nos concedas ser símbolo e presença do teu amor para os que na nossa família não nos entendem, para os nossos amigos que não creem, para os nossos colegas de trabalho que vivem sem sentido, para os nossos vizinhos que procuram sem saber, para os que se encontram tristes, vazios... Podemos dizer em voz alta os lugares ou as pessoas a que nos sentimos especialmente chamados.

Rezamos juntos a oração de S. Francisco:

*Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando que se recebe.
É perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna.*

c. Partilha

Este mês partilhamos em especial como deixamos que a Palavra de Deus nos interpele e nos renove a missão.

- Rezamos por aqueles que mais necessitam?
- Em cada Dever de se Sentar partilhamos qual é realmente a nossa missão e como a vivemos?
- A regra de vida impele-nos à concretização dessa missão?

Propomos este mês um diálogo no Dever de se Sentar à volta destes temas:

- Como vivemos a nossa missão? – porque a paciência sem esperança é resignação, o perdão sem reconciliação é apenas um esquecer, um caminho meio percorrido, a entrega sem alegria é servilismo...
- Somos, diante dos homens e das mulheres do mundo, um ícone atraente do amor de Deus? Transmitimos ternura, compaixão, respeito, alegria, amor de Deus...?

d. Pôr em comum

Neste momento, para além de partilhar as experiências significativas que durante este mês pudemos viver, somos convidados a partilhar as pessoas que foram referências na nossa vida e a reconhecer os momentos em que descobrimos que nós mesmos fomos referência na vida dos outros.

e. Perguntas para a reflexão em equipa

Em *Amoris Laetitia* o Papa ao mesmo tempo que nos chama a ser testemunhas da nossa proposta matrimonial e familiar, convida-nos a uma “salutar reação de autocrítica” e a “ser humildes e realistas para reconhecer que às vezes a nossa maneira de apresentar as convicções cristãs e a forma como tratamos as pessoas ajudaram a provocar aquilo de que hoje nos lamentamos.” AL36

Nesta reflexão em equipa somos convidados a partilhar, não a teoria do que deveríamos fazer, mas sim a experiência de ter podido ajudar com o nosso testemunho, com as nossas atitudes ou com as nossas palavras a viver situações complicadas à nossa volta.

- Que situações viveram em que foram chamados a ser testemunhas da vossa vocação matrimonial?
- Qual foi a vossa resposta? Que consequência teve? Ajudou os outros a reconhecer a alegria do matrimónio e o amor de Deus? Repetiriam da mesma forma?

f. Em direção a Fátima

Este mês pedimos-vos que tenham presentes todas as pessoas que participam nas diversas equipas de trabalho que estão a preparar o Encontro e que lhes dediquemos em especial as intenções das nossas orações. Convidamos-vos a visitar a rede *web* do Encontro Internacional para poder conhecer a cara, o nome e a presença real de tanta gente que, desinteressadamente, trabalha para que tudo decorra sem problemas.

g. Magnificat

QUINTO CAPÍTULO

Acompanhando

Objetivo



- Recordar o chamamento do Papa às ENS para nos comprometermos com os jovens no seu noivado e nos primeiros anos de matrimónio.
- Conhecer as ações que já são realizadas a partir das ENS.
- Procurar novas formas de acompanhar os noivos e comprometermos como casais e como grupo.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Na sua alocução aos responsáveis, o Papa assinalou a missão que a Igreja, pela boca de Pedro, incumbe às Equipas de Nossa Senhora enquanto Movimento. Nos próximos capítulos iremos descobrindo essas possíveis missões para podermos refletir, orar e comprometer como Movimento, cada qual segundo seja chamado pelo Espírito nesta tarefa que a Igreja nos solicita.

Quando a Luísa e o Miguel Horta, da Supra Região Portugal, apresentaram ao Colégio Internacional de Swanwick de 2016 a sua experiência nos Cursos de Preparação para o Matrimónio, salientaram que *“enquanto equipistas somos benditos por tantas graças que não as podemos guardar só para nós próprios, procurando o nosso bem e a nossa felicidade. Quando recebemos é para dar e partilhar. Em Portugal, a grande maioria dos jovens não têm modelos familiares que os ajudem a formar uma família equilibrada, unida, que viva os valores cristãos, que ponha Deus no centro das suas vidas. Nesta realidade social que nos rodeia, não nos podemos contentar com ser apenas um exemplo ou um modelo. Isso é bom, mas não basta... As nossas vidas – com os seus feitos, fracassos, esforços, dificuldades, alegrias e tristezas – vividas na fé e na esperança têm que ser imprescindivelmente testemunhadas.”*

É animador ver como esta experiência já se está a concretizar na Igreja através dos equipistas: muitos, acompanhando os Cursos de Preparação para o Matrimónio nas suas paróquias e dioceses; outros, sen-

do casais que acompanham as Equipas de Jovens de Nossa Senhora; outros, animando equipas no percurso Tandem, “uma proposta de pastoral conjugal, para jovens casais, casados ou não, iniciada em França em 1995 na sequência do pedido dos Bispos franceses”, que também foi explicada no Colégio Internacional de Swanwick de 2016 por Brigitte e Gil de Guerry. Temos ainda o acompanhamento de casais, independentemente da sua condição sacramental, como o projeto “+Pareja” que nasceu na Supra Região Hispanoamérica e as “Experiências Comunitárias” da SR Brasil; ambos os projetos não só constituem uma grande missão pastoral mas também um meio de crescimento das Equipas. Mais recentemente, surgiram propostas como “*Equipas de Noivos*”, um percurso de preparação para o matrimónio a longo prazo que a SR Espanha apresentou em 2016.

Graças a Deus, a lista de iniciativas promovidas e sustentadas pelas Equipas de Nossa Senhora é grande e variada. São muitas as pessoas que, a partir das Equipas e em diferentes partes do mundo, realizam um acompanhamento concreto de casais em diversas situações de idade e de estado.

Neste tema, somos convidados a reconhecer o papel que poderíamos desenvolver nesta missão específica e a forma como cada um poderá concretizá-lo.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

O livro do profeta Isaías é um dos mais importantes do Antigo Testamento e um dos mais citados no Novo Testamento. É um livro de grande riqueza teológica e de importantes informações históricas do povo de Israel. O livro pode ser dividido em três grandes partes, que provavelmente terão sido escritas por autores diferentes. Este texto pertence ao terceiro Isaías (caps. 40-55), que reflete o regresso do exílio e as dificuldades que isso envolveu. O fragmento expressa um ambiente de esperança e de promessas, já que são anunciados o regresso dos desterrados e o futuro esplendoroso para Jerusalém que, reconstruída e enriquecida, se transforma numa esposa para o Senhor. Sem qualquer dúvida, este é o ambiente que se vive no noivado, tempo de esperanças e de promessas, que anuncia uma aliança eterna.

TEXTO BÍBLICO

“Por amor de Sião, não me calarei, por amor de Jerusalém, não descansarei, até que apareça a aurora da sua justiça, e a sua salvação brilhe como uma chama. As nações verão a tua justiça, e todos os reis, a tua glória. Dar-te-ão um nome novo, designado pela boca do Senhor. Serás como uma coroa brilhante nas mãos do Senhor, e um diadema real nas mãos do teu Deus. Não serás mais chamada a «Desamparada», nem a tua terra será chamada a «Deserta»; antes, serás chamada: «Minha Dileta», e a tua terra a «Desposada», porque o Senhor elegeu-te como preferida, e a tua terra receberá um esposo. Assim como um jovem se casa com uma jovem, também te desposa aquele que te reconstrói. Assim como a esposa é a alegria do seu marido, assim tu serás a alegria do teu Deus.” (Is 62,1-5)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

Na sua alocução, o Papa convidou-nos especificamente a comprometermo-nos de uma forma cada vez mais concreta e criativa neste projeto de acompanhar os jovens casais num contexto que é difícil, como sublinha o texto da *Amoris Laetitia*. Necessita, como já indicou o Padre Caffarel na revista *L’Anneau d’Or*, nº73, de janeiro-fevereiro de 1957, depois de uma reunião que teve lugar no Centro de Pastoral Litúrgica de Versailles, de uma mudança na forma de preparar os noivos para o sacramento do matrimónio, apresentando-se com uma visão positiva e vivencial do amor e não a partir de um acumulado de proibições e considerações teóricas. É necessária uma linguagem renovada e atual, um conhecimento claro das realidades vivenciais de que se parte, apresentar uma proposta que não perde a sua exigência, mas que procura dar resposta a abordagens concretas da vida, idealizar fórmulas para o acompanhamento dos casais que iniciam a sua vida em comum... definitivamente, que não nos conformemos com o que sabemos que não funciona e saibamos renovar esta aproximação aos jovens que possam estar a planear uma vida juntos.

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

“(...) Mas convido-vos também a comprometer-vos, se for possível, de modo cada vez mais concreto e com criatividade sempre renovada, nas atividades que podem ser organizadas para acolher, formar e acompanhar na fé particularmente os jovens casais, antes e depois do matrimónio. (...)”

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

40. «Correndo o risco de simplificar, poderemos dizer que vivemos numa cultura que impele os jovens a não formarem uma família, porque privam-nos de possibilidades para o futuro. Mas esta mesma cultura apresenta a outros tantas opções que também eles são dissuadidos de formar uma família». Nalguns países, muitos jovens «são frequentemente levados a adiar o matrimónio por problemas de tipo económico, laboral ou de estudo. Às vezes também por outros motivos, tais como a influência das ideologias que desvalorizam o matrimónio e a família, a experiência do fracasso de outros casais a que eles não se querem expor, o medo de algo que consideram demasiado grande e sagrado, as oportunidades sociais e os benefícios económicos derivados da convivência, uma conceção puramente emotiva e romântica do amor, o medo de perder a liberdade e a autonomia, a rejeição de tudo o que possa ser concebido como institucional e burocrático». Precisamos de encontrar as palavras, as motivações e os testemunhos que nos ajudem a tocar as cordas mais íntimas dos jovens, onde são mais capazes de generosidade, de compromisso, de amor e até mesmo de heroísmo, para convidá-los a aceitar, com entusiasmo e coragem, o desafio de matrimónio.

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

(...) Há duas conceções da pastoral do noivado:

a) A primeira conceção é simultaneamente intelectual e moralizante. Proporciona conhecimentos abstratos, sem ligações com a vida real e, quando toca em aspetos práticos, geralmente formula leis negativas, com um luxo de precisões que

são uma paródia do concreto, mas sem se aproximar. É proposto um ideal teórico de um casal perfeito em que parece que se está a impor aos noivos, mais do que um código da estrada, um código penal. (...)

- b) A segunda é realista e dinâmica. Porque supõe que a experiência do amor é uma experiência humana total em que a pessoa humana se compromete totalmente em corpo e alma... está convencida da força do amor... e solicita aos noivos que sejam fiéis a este dinamismo profundo do seu amor. Ajuda-os a tomar eles próprios consciência e a ser responsáveis pelo seu destino.

Esta segunda concepção é profundamente teológica – se tem fé no amor é porque se fundamenta na fé, porque se inscreve totalmente no mistério nupcial de Cristo e da Igreja. E, por isso, mereceria que a apelidassem de “mística”. Deveríamos unir esta catequese do noivado a esta noção de sacramento, de mistério evocador e portador da graça, a partir do qual o amor humano e o amor de Deus se chamam, se suportam e caminham acertando o passo.

Henri Caffarel, “Sobre o noivado, *L’Anneau d’Or*”, nº73, janeiro-fevereiro, 1957

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. Acolhimento

b. Oração

Escutamos Is 62, 1-5.

A relação de Deus com o povo de Israel foi descrita em diversas ocasiões como a relação de um esposo com a sua esposa. Deus é como o esposo que ama a sua esposa. Israel é como a esposa que ama o seu esposo, mas que por vezes se esquece desse amor e lhe é infiel. A história de Israel foi escrita como uma história de amor na qual Deus não se cansou de voltar uma e outra vez a seduzir a sua esposa, apesar das suas infideli-

dades. Os acontecimentos dolorosos do povo de Israel foram interpretados como consequências negativas de se ter esquecido de Deus e do primeiro amor. O texto do profeta Isaías faz referência ao regresso do desterro. É anunciado a Israel que Deus a faz regressar, que volta a reconstruí-la e que torna a brilhar porque é profundamente amada pelo seu Deus, que a ama com um amor renovado, como um noivo à sua noiva.

O profeta utiliza a imagem do noivo e da noiva para expressar o amor de Deus pelo seu povo. Não podemos ignorar este detalhe.

Neste momento de oração, agradecemos a Deus por nunca nos ter abandonado e pedimos-Lhe que nos ajude a comprometermo-nos:

- Graças, Senhor, porque no nosso casal e na nossa família, especialmente em... nunca nos sentimos “abandonados nem desolados”
- Peço-te, Senhor, que me ajudes a não calar, a não parar até que irradie como luz a tua justiça, ajuda-nos a comprometermo-nos com...

c. Partilha

A partir deste tema, vamo-nos aproximando de diversas realidades específicas no que se refere ao casal e à família: noivos, famílias feridas, fracassadas... Convidamo-vos a que, neste mês, a vossa oração conjugal seja especialmente pelos noivos e jovens casais, pelos que estão próximos de vós, qualquer que seja a sua situação.

Na hora da partilha podem comunicar o que implicou este tema de oração durante este mês.

No Dever de se Sentar deste mês, poderíamos refletir sobre o chamamento do Papa a que nos comprometamos com os jovens no seu noivado e na forma como damos testemunho da nossa própria vocação para o matrimónio. Estamos a ajudar os nossos próprios filhos, irmãos, familiares a partir da nossa forma de viver e ser casal para que a vejam como uma vocação para eles próprios em que valha a pena apostar?



d. Pôr em comum

Para além dos acontecimentos significativos, se os houver, que consideramos ser conveniente partilhar com a equipa, poderíamos pôr em comum as experiências que estejamos a ter com os casais de noivos ou de recém-casados que conheçamos. Como estão a viver o seu noivado ou os seus primeiros anos de vida juntos? Que pontos de referência têm? Que propostas conhecemos que se estejam a realizar? O que pensamos que podemos fazer?

e. Perguntas para a reflexão em equipa

- Como viveram o vosso noivado? O que vos ajudou? O que se tornou difícil? O que poderiam ter necessitado?
- Como veem a forma como é hoje vivido o noivado? Que coisas ajudam? Que coisas o dificultam? Que necessidades creem que possa ter?
- Conhecem as propostas que, partindo das Equipas de Nossa Senhora, estão disponíveis para acompanhar noivos ou casais jovens? Creem que sejam suficientes para dar resposta ao chamamento do Papa?
- O que acreditas que tu mesmo poderias fazer?

f. Em direção a Fátima

Como o Encontro decorrerá no Santuário de Fátima, este mês poderíamos informar-nos quanto ao que aconteceu em Fátima e da importância do seu significado para a Igreja.

g. Magnificat

SEXTO CAPÍTULO

Sarando

Objetivo



- Recordar o chamamento do Papa para nos comprometermos com as famílias feridas.
- Pedir a capacidade de reconhecer e de acolher ao nosso lado os que sofrem.
- Reconhecer que as feridas das famílias que estão à nossa volta são chamamentos de Deus para nos envolver e implicar.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Não nos podemos alhear do sofrimento dos casais e das famílias. Pode ser que entendamos que se torna impossível atuar, que muitas atitudes e situações de vida sejam para nós incompreensíveis, que exijamos que atue quem o deveria fazer, que pensemos que são sofrimentos que aparentemente foram procurados ... mas, como veremos no texto da oração, não há desculpa para passar ao lado. Hoje, como sempre, Nosso Senhor convida-nos a parar, a descer da nossa montada, a aproximarmo-nos do ferido e a comprometermo-nos com ele porque, definitivamente, no rosto do prostrado encontraremos Jesus Cristo. Viver assim é um risco. Um risco para quem esteja muito preocupado em marcar o ritmo, em cumprir, em não sair dos caminhos, preocupado por ter de levar os feridos na nossa montada e arriscar-se a levar forasteiros para a sua pousada.

Como nos diz o Papa Francisco na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*: “A experiência da misericórdia torna-nos capazes de encarar todas as dificuldades humanas com a atitude do amor de Deus, que não se cansa de acolher e acompanhar.” (MM14). “A misericórdia possui também o rosto da consolação. (...) Enxugar as lágrimas é uma ação concreta que rompe o círculo de solidão onde muitas vezes se fica encerrado. (...) Uma palavra que anima, um abraço que te faz sentir compreendido, uma carícia que deixa perceber o amor, uma oração que permite ser mais forte... são todas expressões da proximidade de Deus através da consolação oferecida pelos irmãos.” (MM 13).

Neste capítulo, queremos refletir sobre as nossas atitudes diante do sofrimento e sobre como ser instrumentos que ajudam a sarar, no meio da dor de tantas famílias. Queremos atrever-nos a fazer a pergunta sem receio do que irá significar para nós próprios e para o Movimento o “Vê e faz tu o mesmo” que Jesus nos convida a viver.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

A parábola que apresentamos foi contada por Jesus na sua viagem da Galileia para Jerusalém (Lc 9, 51-19, 28). As parábolas eram breves narrativas que Jesus usava para transmitir algum ensinamento. Normalmente, baseavam-se em feitos concretos observados na natureza e nas coisas simples da vida quotidiana. Através delas, Jesus apresentava com simplicidade o Reino de Deus e como podemos entrar na sua dinâmica. Jesus utilizava as parábolas para explicar a sua mensagem de uma forma simples. No entanto, para o poder compreender é necessário fazer-se simples e abrir o coração à ação de Deus. Por isso, muitas vezes as suas parábolas não eram compreendidas e era necessário explicá-las novamente para que os seus interlocutores as pudessem entender.

As parábolas tocavam em diferentes aspetos do Reino de Deus. Um deles era o tema da misericórdia que, com o Jubileu da Misericórdia, tivemos a oportunidade de viver e celebrar. A misericórdia, que é a capacidade de se compadecer dos sofrimentos e das misérias do irmão, é um dos temas favoritos do Evangelho de Lucas (ver Lc 15, 1-31). A parábola do bom samaritano é outro exemplo claro deste interesse de Lucas, que põe nos lábios de Jesus uma parábola surpreendente e comovente para mostrar quem é o meu próximo ou, melhor ainda, como posso eu ser o próximo para as pessoas que me rodeiam, especialmente aquelas que mais sofrem.

TEXTO BÍBLICO

Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo.

Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele.

No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.'

Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?»

Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.» (Lc 10,30-37)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

Os textos propostos aproximam-nos de muitas situações difíceis que percorrem as famílias. A alocução do Papa recorda-nos que devemos aproximar-nos das famílias que sofrem por diversas circunstâncias relacionadas com as dificuldades económicas, a exclusão social, a perda de seres queridos, as separações que a procura de trabalho exige, as doenças, as preocupações com os filhos e problemas de todo o tipo. A *Amoris Laetitia* dava conta de todo um conjunto de situações complexas em famílias que podem não estar assim tão longe de nós e das quais nos custa aproximar, que preferimos não ver porque, para as atender, teríamos de complicar as nossas vidas. Ao enumerar frontalmente, sem eufemismos nem metáforas, estas situações dolorosas, coloca-as diante de nós para que não olhemos para o outro lado. Uma linguagem direta e clara que nos situa perante o sofrimento de tantas pessoas diante das quais não podemos nem devemos ficar impassíveis.

O Padre Caffarel, num pensamento que o acompanhou ao longo de toda a sua vida e em muitas das suas reflexões, situa-nos diante de uma realidade que não deixa espaço para as desculpas. Recorda-nos

que a ação dos leigos não é incompatível com a espiritualidade, que uma precisa da outra e que uma sem a outra não se sustenta. As pessoas fortalecidas pela oração serão capazes de se pôr a caminho numa ação que preencherá assim todo o seu sentido, porque é uma ação cimentada na oração.

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

“(...) Exorto-vos também a continuar a estar próximos das famílias feridas, que hoje são tão numerosas, devido à falta de trabalho, à pobreza, a um problema de saúde, a um luto, à preocupação causada por uma criança, ao desequilíbrio provocado por uma distância ou uma ausência, a um clima de violência. Devemos ter a coragem de entrar em contacto com estas famílias, de modo discreto mas generoso, material, humana ou espiritualmente, nas circunstâncias em que são vulneráveis. (...)”

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

44. ... «As **coerções económicas** excluem o acesso das famílias à educação, à vida cultural e à vida social ativa. O atual sistema económico produz várias formas de exclusão social. As famílias sofrem de modo particular com os **problemas relativos ao trabalho**. As possibilidades para os jovens são poucas e a oferta de trabalho é muito seletiva e precária. As jornadas de trabalho são longas e, muitas vezes, agravadas pelo tempo gasto na deslocação. Isto não ajuda os esposos a encontrar-se entre si e com os filhos, para alimentar diariamente as suas relações»

46. As migrações «constituem outro sinal dos tempos, que deve ser enfrentado e compreendido com todo o seu peso de consequências sobre a vida familiar». (...) «**As perseguições dos cristãos**, bem como as de minorias étnicas e religiosas, em várias partes do mundo, especialmente no Médio Oriente, constituem uma grande prova: não só para a Igreja mas também para toda a comunidade internacional...» 47. ... as **famílias das pessoas com deficiência**, gera um desafio profundo e inesperado e transtorna os equilíbrios, os desejos, as expectativas. [...] Merecem grande admiração as famílias que aceitam, com amor, a prova difícil dum filho deficiente. 48. Às vezes, a fragilidade e de-

pendência do **idoso** são iniquamente exploradas por mero proveito económico...

49. Quero assinalar a situação das famílias **caídas na miséria**, penalizadas de tantas maneiras, onde as limitações da vida se fazem sentir de forma lancinante. Se todos têm dificuldades, estas, numa casa muito pobre, tornam-se mais duras. 50. A função educativa, que acaba dificultada porque, entre outras causas, os pais chegam a casa cansados e sem vontade de conversar; em muitas famílias, já não há sequer o hábito de comerem juntos... Isto torna difícil a transmissão da fé de pais para filhos. 51. Mencionou-se também a **toxicodependência** como um dos flagelos do nosso tempo que faz sofrer muitas famílias e, não raro, acaba por destruí-las. Algo semelhante acontece com o **alcooolismo, os jogos de azar** e outras dependências... Observamos as graves consequências desta rutura em famílias destruídas, filhos desenraizados, idosos abandonados, crianças órfãs de pais vivos, adolescentes e jovens desorientados e sem regras».

54. Destaco a **violência** vergonhosa que, às vezes, se exerce sobre as mulheres, os maus-tratos familiares e várias formas de escravidão, que não constituem um sinal de força masculina, mas uma covarde degradação. A violência verbal, física e sexual, perpetrada contra as mulheres nalguns casais, contradiz a própria natureza da união conjugal.

55. O homem «desempenha um papel igualmente decisivo na vida da família... A sua ausência pode ser física, afetiva, cognitiva e espiritual. Esta carência priva os filhos dum modelo adequado do comportamento paterno».

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

Encontramo-nos por vezes diante de dois erros frequentes quando tratamos do apostolado, a palavra sem ação e a ação sem palavra. E a Bíblia ajudar-nos-ia a vê-lo com clareza. Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus fala e atua em simultâneo. Fala para dar a conhecer o seu pensamento, a sua vontade, o seu amor. Atua: liberta os hebreus do Egípto, socorre-os de muitas maneiras. E revela-se tanto pelos seus atos como pelas suas palavras. (...) E mesmo Jesus Cristo, fala e atua. (...)

Assim deve ser o cristão. Enquanto discípulo de Cristo deve falar e atuar. Tem de ser o primeiro a ajudar os que sofrem, os que estão aflitos, os oprimidos; deve dedicar-se às grandes tarefas humanas, entregar-se até ao sacrifício; mas também, através da palavra, revelar o segredo desse esquecimento de si mesmo e esse dom aos outros, o amor e graça de Deus em que acredita. Tem de dar razão à esperança que há nele.

Henri Caffarel, *L'Anneau d'Or*, nº 109, *O leigo, portador da Palavra*, janeiro-fevereiro 1963

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. *Acolhimento*

b. *Oração*

Escutamos Lc 10, 30-37.

A história daquele homem que descia de Jerusalém para Jericó que é assaltado, despojado e agredido é, na realidade, a nossa história. Quantos problemas, dificuldades, crises, momentos de sofrimento foram, de diversas formas, aparecendo nas nossas vidas como salteadores que nos tiram a paz, a alegria, a capacidade de amar, o gosto de viver... Damo-nos conta dos golpes dados por tantas coisas que nos aconteceram e restam-nos as feridas que só o Senhor pode sarar.

O sacerdote e o homem de leis deram uma volta. Também muita gente nos prometeu ajudar em momentos de sofrimento, mas deram uma volta. Há outros que nem sequer se quiseram aproximar.

Nunca Jesus, o Bom Samaritano, deu uma volta. Não houve uma única circunstância dolorosa da nossa vida que Ele tenha ignorado. Ele teve misericórdia. Não tem medo de tocar a nossa pobreza e a nossa nudez, os nossos golpes. Jesus tem tempo para se aproximar e parar, já que não há ninguém mais importante para Ele. Baixa-se para nos levantar. Quando vê as nossas feridas procura aliviá-las e cobri-las, toca-as, uma a uma, para as ungir e derramar sobre elas azeite e vinho. E ainda nos coloca sobre a sua própria montada e nos leva a uma pousada, a Igreja,

e aí continua a cuidar de nós através das mãos dos que vivem nessa morada. Essa é a Igreja, a pousada onde se encontram não os puros e perfeitos, mas sim os feridos curados por Jesus que partilham com alegria e simplicidade a experiência de terem sido sarados pelo Mestre.

“Vai e faz tu o mesmo”. Apenas quem tem na sua própria história de salvação a experiência de ter sido olhado e tocado, cuidado, enfaixado e redimido, sairá correndo a socorrer os outros. Foi assim que nos ensinou a amar e a entregarmo-nos: “Na verdade, dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também” (Jo 13,15).

- Façamos um momento de silêncio para trazer à memória os momentos duros em que recordamos com clareza que Jesus esteve ao nosso lado. Em algumas ocasiões, através de pessoas concretas, noutras, através da oração, da Palavra, dos sacramentos...
- É possível que possa surgir uma reprovação, uma dúvida, uma questão: se Deus é tão misericordioso, por que permitiu esse momento de escuridão e de tempestade na minha vida? Não esqueças: “Deus não te salva da escuridão nem da tempestade, Deus salva-te na escuridão e na tempestade”. Recorda isto e dá-lhe graças por todos esses momentos de presença e de acompanhamento.
- Há ocasiões em que fazemos resistência em reconhecer as nossas dores e nos encerramos em nós mesmos. Deixa-te ungi-ir com o bálsamo que cura, o azeite da misericórdia e converter-te-ás em misericordioso e receberás a capacidade de descobrir o que sofre, de te aproximares sem rodeios, de tocar e sarar as suas feridas e o acompanhar no caminho da vida. Pede ao Senhor que te dê essa graça.

c. Partilha

Pensar que, sendo os Pontos Concretos de Esforço meios para “conseguir” uma santidade individual que tem mais a ver com a nossa “perfeição” do que com um chamamento a viver no amor, eles se podem converter numa grande dificuldade para progredir na equipa.

De viver ou não a oração pessoal e conjugal dependerá a nossa sensibilidade face à dor dos outros. De viver o Dever de se Sentar dependerá a possibilidade de deixar que Deus nos questione sobre o “nosso próximo”. De ter uma regra de vida dependerá não vermos como “normais” algumas maneiras de viver e dispor-me a mudá-las... e assim com tudo o mais.

Nesta reunião, além de partilhar como vivemos os Pontos Concretos de Esforço, somos convidados a reconhecer as “consequências” que têm para os outros o facto de os vivermos ou não.

Sugestões para o Dever de se Sentar:

- Assusta-nos aproximarmo-nos do sofrimento e da dor? Porquê? Escudamo-nos na discrição e na prudência para não interferir e não fazer nada?
- Envolve-mo-nos, ainda que isso complique a nossa existência? Diante dessas situações de crise e de dor, somos bálsamo de consolação ou, pelo contrário, dedicamo-nos às “fofocas”...?

d. Pôr em comum

Para além dos acontecimentos significativos, se os houver, que acreditamos ser conveniente partilhar em equipa, podemos pôr em comum alguma experiência face a realidades sofredoras de famílias à nossa volta, se temos consciência, se nos envolvemos, se tendemos a pensar que não podemos fazer nada...

e. Perguntas para a reflexão em equipa

- Quais são as realidades sofredoras mais comuns que encontramos à nossa volta?
- Como nos posicionamos diante delas?
- A que nos chama o Papa na sua alocução?
- Como podemos dar uma resposta mais de acordo com o Evangelho a partir da nossa família e equipa?



f. *Em direção a Fátima*

Um Encontro Internacional das Equipas de Nossa Senhora tem essa vocação de unidade e de diversidade, de encontro com pessoas de diferentes países com quem partilhamos vivências e inquietudes comuns. Poderíamos procurar informarmo-nos um pouco mais detalhadamente acerca da vida da Igreja em geral e das equipas em particular de algum dos países que vá participar no Encontro. Poderíamos dar uma ênfase especial naqueles que sabemos que têm maiores dificuldades e para quem o poder participar representa um grande esforço. Poderiam, talvez, preparar uma pequena apresentação aos outros membros da vossa equipa sobre alguma destas realidades que conheçam melhor ou vos interessem por algum motivo.

g. *Magnificat*



SÉTIMO CAPÍTULO

Acolhendo

Objetivo



- Estar conscientes do chamamento que a Igreja fez às Equipas de Nossa Senhora para acolher e acompanhar a realidade daqueles cujos casamentos fracassaram.
- Discernir a maneira concreta como, nas ENS, podemos viver este chamamento da Igreja, na Igreja e com a Igreja.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Já em 28 de novembro de 1997, na celebração dos 50 anos da fundação das equipas, o Papa João Paulo II mandou uma carta aos responsáveis da Supra Região França onde, entre outras coisas, falava sobre os casais em dificuldade, os separados, os divorciados e os divorciados recasados, em que pedia que “pudessem encontrar na Igreja casais que estivessem dispostos a ajudá-los”. Deste pedido nasceram a partir das ENS as equipas “Reliance”, tal como Nathalie e Christian Mignonat nos explicaram no Colégio Internacional de Swanwick de 2016.

Estas equipas são acompanhadas por casais das Equipas de Nossa Senhora, a que preferimos chamar “casais acompanhantes” porque se inscreve na lógica do acompanhamento, tal como definido no sínodo da família de 2015: um encontro e um “caminhar juntos” à descoberta de Cristo ressuscitado. Estas equipas dão resposta ao que dizia Timothy Radcliffe em Brasília: *“Se os escutarem, se se calçarem com os seus sapatos e se se meterem na sua pele, provavelmente o Senhor vos dará palavras justas”*. E, mais ainda, dão resposta à esperança do Papa Francisco no EG 169: *“A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos – nesta «arte do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro”*. É essencialmente o sinal encarnado do acolhimento da Igreja e o sinal do vínculo de Reliance com as ENS.

Estamos conscientes de que tudo o que foi referido neste tema provocou reflexões conflitantes e que, dentro do próprio Movimento,



se fizeram ouvir vozes preocupadas e alarmadas pelo que isto poderia pressupor de confusão, de perda da nossa identidade ou de infidelidade ao carisma fundacional. Conscientes disto, queremos convidar todos a uma leitura calma dos textos, bem como a uma tentativa de “salvar a proposta” dos que, por mandato da Igreja e sendo fiéis ao carisma que o Espírito nos concedeu com o Padre Henri Caffarel, procuram dar uma resposta evangélica e real às situações de sofrimento de muitos casais.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

O Evangelho de Mateus é atribuído a um dos apóstolos de Jesus, conhecido como Mateus ou Levi, cuja vocação é narrada nos três evangelhos sinópticos. Era um publicano que se converteu depois de se ter encontrado com Jesus. Aparentemente o seu evangelho dirige-se aos cristãos convertidos do judaísmo. A sua obra está estruturada em sete grandes secções: a primeira recolhe os relatos da infância, depois temos cinco secções que alternam narrações e discursos e na sétima secção são narradas a paixão e a ressurreição de Jesus.

A passagem escolhida pertence à terceira secção (Mt 8-10), que recolhe alguns relatos de milagres, em especial de curas, alguns relatos de vocação e o chamado discurso apostólico.

Este relato decorre na cidade de Cafarnaum (Mt 9, 1; 4, 13), depois da vocação de Mateus que, tendo sido publicano, se dedicava a cobrar os impostos decretados pelos romanos. Os publicanos tinham muito má fama porque colaboravam com os romanos, porque lidavam com produtos e pessoas impuros e porque abusavam na cobrança dos impostos. Jesus sentava-se a comer com este tipo de gente. A surpresa e o escândalo dos fariseus vinham do facto de, naquela cultura, a comensalidade significava muito mais do que partilhar alimentos. Era uma forma de partilhar a vida. Acolher o comensal significava entrar em comunhão com ele, o que para os fariseus era intolerável, já que consideravam que pessoas deste tipo eram impuras e não se devia privar com elas. A passagem, situada num contexto de curas, apresenta Jesus como médico do corpo e da alma que, para realizar a sua missão, se aproxima com uma atitude compassiva, mostrando que o que sara o coração humano não é a prática rigorosa da lei mas sim a misericórdia.

TEXTO BÍBLICO

Encontrando-se Jesus à mesa em sua casa, numerosos cobradores de impostos e outros pecadores vieram e sentaram-se com Ele e seus discípulos.

Os fariseus, vendo isto, diziam aos discípulos: «Porque é que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e os pecadores?»

Jesus ouviu-os e respondeu-lhes: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Ide aprender o que significa: Prefiro a misericórdia ao sacrifício. Porque Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.» (Mt 9, 10-13)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

O Papa, nas palavras que dirigiu aos responsáveis reunidos em Roma, chamava-nos a uma missão muito concreta, uma missão baseada na misericórdia e no acolhimento das pessoas que sofrem como consequência de um fracasso matrimonial.

É tempo de olhar para a realidade à nossa volta e perguntarmos como havemos de continuar a concretizar este chamamento que nos fez S. João Paulo II e que havemos de continuar a aprofundar como Movimento. A reflexão do Padre Caffarel sobre a hospitalidade poderá dar-nos uma ajuda. Somos convidados a acolher, a que as nossas casas sejam lugares de acolhimento onde as pessoas se sintam queridas e não julgadas.

A resposta não é fácil; o Papa chama-nos a um “discernimento eclesial” com um olhar que “distinga bem as situações”. Sabemos que não há “receitas simples” (AL 298) porque, de facto, é-nos dito para integrar, não escandalizar, acompanhar, deixar claro o que não é o ideal que o evangelho propõe para o matrimónio e a família... “que se não devia esperar do Sínodo uma nova normativa geral de tipo canónico, aplicável a todos os casos. É possível apenas um novo encorajamento a um responsável discernimento pessoal e pastoral dos casos particulares” (AL 300).

E, “para evitar qualquer interpretação tendenciosa, lembro que, de modo algum, deve a Igreja renunciar a propor o ideal pleno do matrimônio, o projeto de Deus em toda a sua grandeza” (AL 307).

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

“... Por fim, não posso deixar de encorajar os casais das Equipas de Nossa Senhora a serem instrumentos da misericórdia de Cristo e da Igreja para com as pessoas cujo matrimônio fracassou. Nunca esqueçais que a vossa fidelidade conjugal é um dom de Deus, e que todos nós recebemos misericórdia. Um casal unido e feliz pode compreender melhor do que qualquer outro, a partir de dentro, a ferida e o sofrimento que causam um abandono, uma traição, uma falência do amor. Por conseguinte, é necessário que possais contribuir com o vosso testemunho e a vossa experiência para ajudar as comunidades cristãs a discernir as situações concretas destas pessoas, a acolhê-las com as suas feridas e a ajudá-las a caminhar na fé e na verdade, sob o olhar de Cristo Bom Pastor, para participar de maneira apropriada na vida da Igreja. Não esqueçais também o sofrimento indizível das crianças que vivem estas dolorosas situações familiares: a elas podeis dar muito...”

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

242. Os Padres disseram que «é indispensável um discernimento particular para acompanhar pastoralmente os separados, os divorciados, os abandonados. Tem-se de acolher e valorizar sobretudo a angústia daqueles que sofreram injustamente a separação, o divórcio ou o abandono, ou então foram obrigados, pelos maus-tratos do cônjuge, a romper a convivência. Não é fácil o perdão pela injustiça sofrida, mas constitui um caminho que a graça torna possível. Daí a necessidade duma pastoral da reconciliação e da mediação, inclusive através de centros de escuta especializados que se devem estabelecer nas dioceses».

Ao mesmo tempo, «as pessoas divorciadas que não voltaram a casar (que são muitas vezes testemunhas da fidelidade matrimonial) devem ser encorajadas a encontrar na Eucaristia o alimento que as sustente no seu estado. A comunidade local e os pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude, sobretudo quando há filhos ou é grave a sua situação de pobreza». Um falimento matrimonial torna-se muito mais traumático e doloroso quando há pobreza, porque se têm muito menos recursos para reordenar a existência. Uma pessoa pobre, que perde o ambiente protetor da família, fica duplamente exposta ao abandono e a todo o tipo de riscos para a sua integridade.

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

Outro ministério do casal é a hospitalidade. Muitas vezes não foi tido em consideração pelos casais cristãos pelo que não foi considerada uma missão importante da Igreja. Embora os apóstolos o dissessem continuamente: «Praticai a hospitalidade». (...)

Para muitos dos nossos contemporâneos é fundamental ser acolhido no seio de um lar verdadeiro. A descoberta dos amores familiares – conjugal, paternal, maternal, filial, fraterno – apresenta-lhes um mundo novo onde encontram o equilíbrio interior que precisamente lhes faltava por não ter podido crescer num meio tão insubstituível como é o de uma família feliz. (...)

Devemos pensar que, no Plano de Deus, o lar cristão é uma «zona de descanso» no caminho da Igreja onde, sem o saber, o não crente tem um primeiro contacto com a igreja, o pecador experimenta a misericórdia, os pobres e abandonados descobrem a sua maternidade. Não ficam assustados com este descobrir da Igreja porque, de acordo com a expressão de um amigo, «o lar é o rosto sorridente e amável da Igreja». (...)

Não há nada mais importante do que fazer com que as famílias cristãs compreendam que pela hospitalidade e pelo acolhimento exercem uma mediação insubstituível entre o mundo e a Igreja.

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. *Acolhimento*

b. *Oração*

Escutamos Mt 9, 10-13.

Propomos um texto que ajuda a concretizar a experiência de acolhimento total e absoluto a quem é “irmão”.

Encontro de Jean Valjean com o bispo de Digne:

– *Senhor cura – disse o homem – o senhor é cheio de bondade e por isso não me despreza. Recolhe-me em sua casa, manda acender os seus castiçais em minha honra. Porém, eu já lhe disse donde venho e contei-lhe a minha desgraça.*

O bispo, que se encontrava sentado junto dele, tocou-lhe brandamente na mão e disse:

– *O senhor não precisava de dizer-me quem era. Esta casa não é minha, é de Jesus Cristo. Aquela porta não pergunta a quem entra se tem nome, mas sim se tem algum infortúnio. O senhor sofre, tem fome e sede, bem-vindo seja! Não me agradeça por isso, não diga que o recebo em minha casa. O dono desta casa não sou eu, é todo aquele que carece de asilo. Tudo quanto há nesta casa lhe pertence. Que necessidade tenho eu de saber o seu nome? Além disso, antes de mo dizer, já eu sabia o nome que lhe havia de dar.*

O homem mostrou-se muito admirado.

– *Na verdade? Pois já sabia como me chamava?*

– *Sabia – respondeu o bispo – chama-se meu irmão.*

(Os Miseráveis, de Víctor Hugo)

Todos conhecemos situações de fracasso matrimonial, muitas vezes perto de nós, que nos superam. Cada uma delas é uma história de sofrimento, de feridas, de vidas estilhaçadas. Por isso, neste momento podemos pôr nas mãos do Senhor cada uma dessas situações e, ao mesmo tempo, pedir-lhe ajuda para ter gestos e palavras oportunos.

- Pedimos-te, Senhor, por...
- Ajuda-nos a...

c. Partilha

Ajudar casais que fracassam pode ajudar-nos a reconhecer a fragilidade em que vivemos. Poderá haver casais em que este fracasso se sentia estar a acontecer, mas também há outros onde ninguém o poderia ter imaginado. Essa experiência traumática de rutura pode começar por pequenas coisas.

Seria uma boa oportunidade para partilhar em que medida os Pontos Concretos de Esforço são uma ajuda para o nosso casal e para a nossa família, podendo converter-se em antídotos contra o fracasso.

No Dever de se Sentar deste mês poderíamos refletir e dialogar como temos vivido o fracasso de matrimónios próximos de nós. Como é que esta experiência nos faz sentir a fragilidade do amor e, portanto, a necessidade de o cuidar. Poderíamos dedicar uma boa parte do Dever de se Sentar para bendizer o nosso cônjuge, para lhe dizer o bem que trouxe à minha vida, a dar graças por ele. É o momento de voltar a escolhermo-nos com a segurança de que não nos enganámos no que um dia vimos com clareza.

d. Pôr em comum

Para além dos acontecimentos significativos, se os houver, que acreditamos ser conveniente partilhar em equipa, podemos pôr em comum alguma experiência face à realidade de ruturas familiares perto de nós. Podemos partilhar como as vivemos, que sentimentos criam em nós, o que fizemos...

e. Perguntas para a reflexão em equipa

- Como nos apercebemos da realidade dos casais fracassados à nossa volta?

- Como nos situamos pessoalmente?
- Acreditamos que, como Igreja, deveríamos dar mais alguma resposta? Qual?

f. *Em direção a Fátima*

Para além das aparições que tiveram lugar em Fátima e que pudemos conhecer pela proposta do capítulo anterior, o Papa S. João Paulo II sempre acreditou que foi graças a Nossa Senhora de Fátima que se salvou do atentado mortal de que foi vítima. De facto, mandou colocar na sua coroa a bala que o feriu. Convidamos-vos a conhecer mais detalhes deste acontecimento e, em consonância com o capítulo proposto para este mês, apresentar e colocar diante de Nossa Senhora de Fátima as pessoas concretas que conhecemos que tenham vivido ou estejam a viver dificuldades relacionadas com o seu casamento.

g. *Magnificat*

OITAVO CAPÍTULO

Sendo fiéis

Objetivo



- Conhecer, valorizar e agradecer o carisma próprio com que o Espírito Santo presenteou a sua Igreja em Henri Caffarel.
- Discernir o que significa, enquanto casal, família e equipas, o chamamento a uma maior fidelidade.
- Comprometer-se com a causa da beatificação do Padre Henri Caffarel.

1. INTRODUÇÃO GERAL

Um carisma é um dom de Deus que o Espírito inspira numa pessoa ou grupo de pessoas para dar resposta a uma necessidade, atualizando o Amor de Deus nesse momento histórico. Um dom de Deus é qualquer coisa que não se pode manipular. Um dom, um presente, é preciso agradecê-lo, respeitá-lo, aprofundá-lo e partilhá-lo. O nosso Movimento recebeu um carisma do Espírito; anunciar que o amor conjugal é um caminho para Deus em casal e que esse caminho, com a graça de Deus e quando percorrido com outros casais, será mais fácil graças à ajuda mútua. O movimento prepara-nos para aprofundar essa compreensão, vivê-la e propô-la ao mundo.

Este é um grande projeto, uma grande missão que não foi superada e não está acabada. Pelo contrário, dada a realidade do matrimónio nos dias de hoje, a sua vigência é mais urgente e necessária do que nunca. Apenas sendo o que somos, com criatividade e fidelidade, poderemos ser fecundos na Igreja e contribuir com a parte que nos incumbe na construção do Reino.

Dizia o Padre Caffarel quando dirigia umas palavras aos membros da Equipa Responsável Internacional em 1981: *“Não há verdadeira renovação se não for fiel ao carisma original. Apenas se poderá renovar o Movimento se aprofundarmos o carisma que é o dom do Espírito e, como tal, dom que não se pode manipular. Para renovar o Movimento é necessário unirmo-nos ao crescimento interno desse carisma. Não é*

preciso procurar noutra lugar. É como se, depois de ter encontrado uma fonte que jorra água abundante, ao parecer-nos que começa a faltar, fôssemos procurar água noutra lugar. O que há a fazer é aprofundar ali onde é seguro que esteja o filão de água.”

Estamos, portanto, convencidos de que essa intuição do Espírito Santo continua presente e que não podemos deixar de renovar a nossa fidelidade para com ela, com maior empenho do que nunca. Como nos indica a Carta Fundadora: “Os casais não podem considerar a sua entrada nas Equipas de Nossa Senhora e a sua adesão à Carta como um fim, mas sim como um ponto de partida. A lei do lar cristão é a caridade, ora a caridade não tem limites, a caridade não conhece repouso”.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

As palavras de Jesus que vamos escutar foram também ouvidas pelos seus discípulos no ambiente de intimidade do cenáculo e postas por escrito no Evangelho de João. Trata-se da segunda parte do discurso de despedida pronunciado por Jesus durante a Última Ceia. Neste discurso impressionante, Jesus abre o seu coração e partilha com os seus amigos o que pensa e sente e o que deseja para eles. Um dos temas fundamentais do discurso é o mandamento do amor. Jesus apresenta este mandamento que propõe um modelo claro: amar “*como eu vos amei*”. O amor de Jesus é um amor sem limites que leva à entrega da vida. É um amor que nos retira da servidão e nos converte em seus amigos, que têm uma missão concreta na vida. A nossa missão não é consequência de um capricho, mas sim fruto de uma escolha por parte do Senhor, que nos escolheu para que demos fruto duradouro.

TEXTO BÍBLICO

É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai.

Não fostes vós que me escolhestes; fui Eu que vos escolhi a vós e vos destinei a ir e a dar fruto, e fruto que permaneça; e assim, tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome Ele vo-lo concederá. É isto o que vos mando: que vos ameis uns aos outros. (Jo 15, 12-17)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

APRESENTAÇÃO

No seu texto, o Papa reconhece a grande intuição que teve o Padre Caffarel ao fundar as Equipas de Nossa Senhora e anima-nos a permanecer atentos à causa do seu processo. Fiéis ao dom recebido, devemos atualizá-lo continuamente. Reconhecer que esse carisma é um dom e que o que devemos fazer é aprofundá-lo, dar-lhe o seu pleno sentido. Se nos sentimos um pouco cansados, desanimados, imersos na rotina, não devemos olhar para o lado, mas sim esforçarmo-nos por disponibilizar os meios para procurar uma renovação que vá em busca às fontes. Compete, portanto, aos membros das Equipas procurar viver numa maior plenitude, que não é mais do que viver na plenitude do amor, como diz o Papa Francisco. Ainda que reconhecendo que somos famílias imperfeitas, com falhas e debilidades, não podemos deixar de tentar esta chamada à comunhão.

O texto do Padre Caffarel é um extrato do capítulo intitulado “Se escutardes a sua voz”, contido no livro *Nas Encruzilhadas do Amor*, que nos leva a concretizar essa vocação na nossa vida. Implica uma especial atenção para vermos ao que somos chamados, a estarmos alerta e atentos, de certeza que nos sentiremos um pouco incomodados porque seremos obrigados a sair de onde estamos e a pormo-nos em marcha. Dispostos a responder, a não sermos tíbios. Ser fiéis à vocação recebida através das Equipas de Nossa Senhora tem uma série de consequências na nossa vida, às quais cada um de nós deve dar resposta.

a) ALOCUÇÃO DO PAPA FRANCISCO ÀS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA

“... Queridas Equipas de Nossa Senhora, renovo-vos a minha confiança e o meu encorajamento. Dado que a causa de beatifi-

cação do vosso fundador, Padre Henri Caffarel, chegou a Roma, rezo para que o Espírito Santo ilumine a Igreja no julgamento que a seu tempo deverá proferir a este propósito. Confio os vossos casais à proteção da Virgem Maria e de São José, e concedo-vos de coração a Bênção Apostólica...”

b) EXORTAÇÃO APOSTÓLICA AMORIS LAETITIA

325. As palavras do Mestre (cf. Mt 22, 30) e as de São Paulo (cf. 1 Cor 7, 29-31) sobre o matrimónio estão inseridas – não por acaso – na dimensão última e definitiva da nossa existência, que precisamos de recuperar. Assim, os esposos poderão reconhecer o sentido do caminho que estão a percorrer. Com efeito, como recordamos várias vezes nesta Exortação, nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada numa vez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento da sua capacidade de amar. Há um apelo constante que provém da comunhão plena da Trindade, da união estupenda entre Cristo e a sua Igreja, daquela comunidade tão bela que é a família de Nazaré e da fraternidade sem mácula que existe entre os Santos do céu. Mas contemplar a plenitude que ainda não alcançámos permite-nos também relativizar o percurso histórico que estamos a fazer como família, para deixar de pretender das relações interpessoais uma perfeição, uma pureza de intenções e uma coerência que só poderemos encontrar no Reino definitivo. Além disso, impede-nos de julgar com dureza aqueles que vivem em condições de grande fragilidade. Todos somos chamados a manter viva a tensão para algo mais além de nós mesmos e dos nossos limites, e cada família deve viver neste estímulo constante. Avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida.

c) TEXTO DO PADRE CAFFAREL

“O chamamento de Deus (vocação significa chamamento) pode fazer-se ouvir mais de uma vez na existência humana. Não me refiro aqui ao chamamento a um progresso na vida espiritual,

a um dom interior mais generoso, mais total, mas ao chamamento a um novo serviço do Senhor, um apelo que leva a uma mudança de profissão, à adoção de uma nova orientação de vida, mais pobre, ou mais apostólica, ou mais contemplativa. Nessas ocasiões, trata-se sempre do imperioso e exigente «vem e segue-Me» de Cristo, que implica sempre um «deixa...».

Os verdadeiros filhos de Deus não só respondem ao chamamento quando o ouvem, como também, animados por um amor impaciente de servir, vivem numa atitude de disponibilidade - a não confundir com o gosto por gestos espetaculares nem com a inquietação da instabilidade. (...) E há, indubitavelmente, vocações falsas e vocações verdadeiras. Não se pode confundir o chamamento autêntico com um entusiasmo passageiro. Aquele precisa de ser passado pelo crivo de uma reflexão atenta, uma oração humilde e um conselho esclarecido. Mas, dito isto, como é fácil, demasiado fácil, procurar no alibi de uma ilusão possível a desculpa para a cobardia!

Já vi tantos seres que começaram muito bem, que responderam mesmo aos apelos de Deus uma, duas e três vezes, e que, por fim, se instalaram na mediocridade, na tibieza, no conforto... Felizmente, o Senhor, que é O fiel, não pactua com o nosso entorpecimento, o nosso afundamento. Ele quer-nos vivos. Ora viver é amar, dar, dar-se. Frequentemente, para tirar da rotina quem nela se afundou, para despertar quem dorme, Deus permite a provação. Porque, para bem do seu filho, tudo vale mais do que a morte do coração, tudo, inclusive o sofrimento. Mas será o chamamento da provação ouvido melhor?

«Hoje se escutardes a sua voz, não endureçais os vossos corações» (Sl 95, 7-8; Heb 3, 7). Evitai as manhas do espírito e do coração. Sede verdadeiros ilhós de Deus, fazendo-Lhe a honra de acreditar que Ele não pede coisas irrazoáveis. Estai sempre prontos a deixar-vos interpelar e a partir, sem pretender fazer valer direitos, sem pedir adiamentos e sem vos atrasardes.

Felizes aqueles que os chamamentos divinos, ao longo de toda a sua caminhada terrestre, encontrarem prontos para a resposta. Para eles, até a morte será uma nova partida, ainda mais vigilante e mais jubilosa que as anteriores, em resposta ao novo e derradeiro chamamento do Senhor: «Muito bem, servo bom e fiel [...]. Entra no gozo do teu senhor» (Mt 25, 21-23).

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. Acolhimento

b. Oração

Escutamos Jo 15, 12-17.

O amor aceita o outro tal como ele é, mas ajuda-o a ser melhor. A misericórdia é a capacidade de aceitar a debilidade do outro, que quando se sente querido pode mudar. É assim que Deus nos trata. Nós somos esse barro, mas um barro amado que, nas suas mãos, pode converter-se num instrumento precioso. A misericórdia vê na debilidade uma possibilidade. O barro é essa possibilidade. É preciso saber encontrar o equilíbrio entre: estar pendente mas deixar liberdade, corrigir o outro mas sempre com carinho, saber aproximar-se e saber retirar-se, aceitar o outro como ele é mas ajudá-lo a ser melhor.

*Deves amar a argila que está nas tuas mãos
Deves amar a sua areia até à loucura.
E se não, não a comprometas porque será em vão:
só o amor alumia o que perdura,
só o amor converte em milagre o barro.
Deves amar o tempo das tentativas.
Deves amar a hora que nunca brilha.
E se não, não pretendas tocar o certo:
só o amor gera a maravilha,
só o amor consegue acender o que está morto.*

Canção: «Sólo el amor» (Silvio Rodríguez)

Neste momento de oração, agradecemos a Deus o dom de pertencermos às Equipas e o muito que isso nos trouxe, assim como pedimos ao Senhor que nos ajude a ser fiéis ao carisma e à vocação com que fomos presenteados.

c. Partilha

Quando nesta reunião partilharem sobre os pontos de esforço, propomos-vos que ponham especial ênfase na regra de

vida como sendo aquele que nos ajuda a reconhecer que “somos de barro” e que precisamos de continuar a progredir.

E quanto ao nosso Dever de se Sentar:

- Apreciamos a intuição do Padre Caffarel de procurar Deus com os dois sacramentos caminhando juntos?
- E, por outro lado, podemos deixar claro que o compromisso com a causa de beatificação do Pe. Henri Caffarel não se limita a fazer um donativo. Se, verdadeiramente, acreditamos que a sua santidade o fez profeta do matrimónio, deveríamos estar atentos, conhecer, meditar e deixarmo-nos interpelar pela sua mensagem. Estamos dispostos a fazê-lo? Ou conformamo-nos com reconhecer a sua imagem em velhas fotografias e em ler, sem interesse, uns escritos que vão acumulando anos? Rezamos pela sua causa?

d. Pôr em comum

Para além dos acontecimentos significativos, se os houver, que consideramos ser conveniente partilhar com a equipa, poderíamos pôr em comum como vivemos a fidelidade da nossa pertença às Equipas. Podemos partilhar como vivemos durante este mês a tensão de sermos chamados a aprofundar a nossa vocação, em que momentos tentámos e não fomos capazes, em que momentos tirámos partido dos meios, quais foram as coisas que nos ajudaram.

e. Perguntas para a reflexão em equipa

Convidamos-vos a recordar os anos de pertença ao Movimento com a história que Deus foi realizando no vosso casal graças às Equipas:

- Que momentos da equipa recordam com maior intensidade e agradecimento?
- Em que coisas concretas a equipa vos ajudou a seguir em frente?
- Depois de recordar isto, o que nos é agora pedido enquanto equipa?



f. *Em direção a Fátima*

O Encontro de Fátima vai marcar a linha de atuação nos próximos anos no Movimento, pelo que, quer venhamos a estar presentes fisicamente, quer estejamos presentes de coração a partir das nossas casas, seremos pessoalmente afetados. Estamos conscientes disso? Como nos estamos a preparar para o Encontro? Sentimo-nos próximos, consideramos que é qualquer coisa “para nós” ou “para outros”?

g. *Magnificat*



NONO CAPÍTULO

Balanço

Objetivo



- Partilhar e rever o caminho pessoal e de casal ao longo deste ano de atividades
- Partilhar e rever o caminho da equipa ao longo deste ano de atividades

1. INTRODUÇÃO GERAL

Este capítulo tem uma estrutura diferente da do resto das reuniões de equipa que tivemos ao longo deste ano de atividades e tem como objetivo rever o caminho pessoal, de casal e de equipa à luz do que foi vivido. Esta reunião de balanço apresenta-se como um tempo de reflexão, todos juntos e sob o olhar de Deus, relativamente ao ano que passou. Será uma espécie de Dever de se Sentar em equipa, o momento de partilhar e de nos ajudarmos num clima de oração, de verdade e de comunhão.

A proposta parte da Leitura da Palavra, do seu comentário e de um texto do Padre Caffarel sobre a reunião de equipa. É também sugerido um esquema de preparação para esta reunião. Cada equipa pode escolher centrar-se nas partes que sejam mais adequadas à sua situação atual. O importante é preparar esta reunião em casal; juntos, ao terminar este ano de atividades fazemos o balanço do que vivemos, temos em consideração os pontos fortes e os fracos para decidir sobre quais se deveria insistir no próximo ano e para nos prepararmos para a eleição do novo casal responsável.

2. PALAVRA DE DEUS

INTRODUÇÃO AO TEXTO BÍBLICO

É neste fragmento do Evangelho que temos a única vez que vemos Jesus utilizar este tratamento solene para se referir a Deus: “Senhor do céu e da terra”. Nas restantes ocasiões, Jesus falava do Pai, do seu

Pai, do nosso Pai, com um íntimo acento familiar, mas que agora é matizado com este Pai que também é o Criador onnipotente, o Senhor do mundo.

É este tratamento solene que dá um significado especial a que tenha querido revelar-se aos simples. De facto, este Deus grande procurou os simples, os pequenos, os desprezados do mundo, os incultos... para se revelar e, misteriosamente, os sábios e entendidos foram-se embora vazios.

Ao terminar este ano de atividades, poderíamos perguntar-nos: onde nos situámos nós? Fomos dos pequenos e simples aos quais este ano foi revelada a Boa e alegre notícia do Evangelho da Família, ou fomos dos sábios e entendidos que saíram “vazios”?

Por outro lado, Jesus convida os cansados e sobrecarregados para lhes dar alívio, experiência que os fariseus e os escribas não eram capazes de viver: para eles tudo era difícil, complicado, uma sobrecarga. Jesus descobre que tinham convertido os mandamentos de Deus para o seu povo numa carga insuportável da qual os quer libertar, porque os verdadeiros mandamentos do Senhor, vividos com simplicidade são um jugo que se adapta bem, se cinge ajustado e se molda facilmente ao redor da nuca e que, ainda que tenha muitas exigências, é proveitoso e libertador para o homem.

Podemos questionar-nos se os nossos Pontos Concretos de Esforço foram, durante este ano, um jugo e uma carga ligeira que nos proporcionaram um descanso e um bem-estar real.

TEXTO BÍBLICO

Naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: «Bendigo-te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque isso foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai; e ninguém conhece o Filho senão o Pai, como ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.» «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.» (Mt 11, 25-30)

3. TEXTOS PARA REFLETIR

O Padre Caffarel no seu texto intitulado “*Não há vida sem exigência*” leva o tema de viver com verdade o nosso encontro com Jesus à situação concreta da nossa reunião de equipa. Faz parte de um artigo publicado na revista *L’Anneau d’Or* de maio-agosto de 1956.

“UMA REUNIÃO DE EQUIPA que não seja desde o início um esforço em comum para encontrar Jesus é qualquer coisa muito diferente de uma reunião de uma Equipa de Nossa Senhora. Ser exigente, com uma exigência amorosa, não é tanto ser cruel com os defeitos do outro (qualquer professor sabe-o bem) quanto favorecer com o coração, como quem atiça uma chama, o crescimento na entrega a Deus e ao próximo...”

Por fim, que o vosso amor seja paciente, com essa paciência campestre que confia nas estações. Então, o vosso amor exigente dará os seus frutos.

“O teu amor sem exigência diminui-me; a tua exigência sem amor revolta-me; a tua exigência sem paciência desalenta-me; o teu amor exigente faz-me crescer” – Quando os casais se exercitam no amor fraterno, pouco a pouco o seu coração engrandece. E, progressivamente, o seu amor conquista a casa, o bairro, o país... até chegar às costas mais longínquas...

Onde se amam os cristãos, aí está a Igreja. Na condição de que esta pequena comunidade se sinta parte da Igreja, dedicada ao serviço da Igreja.

O poder de intercessão dos cristãos quando estão reunidos é enorme. O amor fraterno tem uma fecundidade excepcional. Junto a ele, o mal retira-se e o deserto floresce.

Uma comunidade fraterna é um sinal de Deus para os homens. É a sua mensagem mais importante, a que revela a vida íntima de Deus, a sua vida trinitária. Não há discurso mais eloquente sobre Deus e ao mesmo tempo mais persuasivo do que o espetáculo dos cristãos que “são um só” como o Pai e o Filho são um.

Que esta seja, portanto, a vossa obsessão: Fazer da vossa equipa um êxito de caridade.

Henri Caffarel

4. PISTAS PARA PREPARAR A REUNIÃO DE EQUIPA

a. Acolhimento

b. Oração

Escutamos Mt 11, 25-30.

Procuremos apresentar, num clima de oração, o que significou para cada um de nós, para o nosso casal, família e equipa este itinerário sobre a Missão do Amor.

Oração:

- Reconhecemos e agradecemos a Deus...
- Pedimos perdão por...
- Pedimos ao Senhor que nos conceda...

A eleição do casal responsável para o próximo ano de atividade poderia ter também lugar neste clima de oração:

- O casal responsável deste ano de atividades pode comentar como viveu a sua responsabilidade.
- A equipa pode comentar se espera alguma “animação” particular por parte do novo casal responsável.

→ Eleição do novo casal responsável

Podemos acabar rezando todos juntos:

“Senhor, estamos na presença de Deus e estamos reunidos em Teu nome. Estamos junto da pessoa com quem nos unimos pelo sacramento do matrimónio. Estamos juntos aos casais e ao conselheiro espiritual da nossa equipa para estarmos atentos uns aos outros e tê-los também na nossa oração. Dá-nos, Senhor, a graça de reconhecer o que é essencial para a nossa vida de fé e abre os nossos corações e inteligência para que a nossa equipa seja cada vez mais uma comunidade fraterna ao teu serviço”. Ámen.

c. Partilha

A participação nos Pontos Concretos de Esforço serviu-nos para a ajuda entre nós? Como vivemos a leitura da Palavra, Ponto

Concreto de Esforço que tínhamos como objetivo principal para este ano de atividades?

Ajudou-nos a concretizar melhor a nossa missão? A vivê-la com alegria e esperança? A refletir sobre as nossas atitudes?

E neste último Dever de se Sentar deste ano de atividades, próximos de entrar no descanso do Verão, recordamos-vos que este não é um tempo morto mas sim um tempo privilegiado para amadurecer o que foi experimentado e, por isso, propomos que se questionem: Quais foram as três ideias que tiveram impacto em nós e nos fizeram pensar até ao extremo de retificarmos algumas opiniões e pontos de vista? Fruto do que vivemos ao longo deste ano de atividades, que compromissos vamos manter daqui em diante?

d. Pôr em comum – Ser equipa

“Uma Equipa de Nossa Senhora não é uma simples comunidade humana; reúne-se “Em Nome de Cristo” e quer ajudar os seus membros a progredir no amor de Deus e no amor ao próximo, para melhor corresponder ao apelo de Cristo.” (Guia das ENS). As seguintes perguntas podem ajudar-nos a refletir sobre o nosso Pôr em Comum:

- ➔ Como nos temos escutado, respeitado, apoiado, animado uns aos outros ao longo deste ano de atividades? Temos todos tido oportunidade de partilhar, temo-nos sentido capazes de comunicar com verdade?
- ➔ Como temos vivido os tempos de oração em equipa?
- ➔ Como temos vivido o tema de estudo deste ano? Ajudou-nos a concretizar a nossa missão?
- ➔ Como temos vivido a nossa relação com o resto do Movimento? Qual a nossa participação nas atividades da nossa região? Que serviços nos foram pedidos? E a leitura da Carta, do site e das redes sociais das ENS?

De tudo o que vivemos este ano:

- O que deveríamos continuar a fazer da mesma forma?
- O que deveríamos mudar?



e. *Em direção a Fátima*

Tenhamos de novo presente que durante o mês de julho terá lugar o Encontro Internacional de Fátima; pensemos na forma de estar unidos a ele e de nos comprometermos a estar especialmente em comunhão com todo o Movimento durante esses dias, a segui-lo e a rezar por ele.

f. *Magnificat*



Anexos



ROTEIRO DA REUNIÃO MENSAL

1. REFEIÇÃO

Iniciada com uma pequena oração simples e vivida em espírito de entreaajuda.

2. ORAÇÃO

- a. Invocação do Espírito Santo;
- b. Leitura e Escuta da Palavra de Deus;
- c. Oração Pessoal;
- d. Intenções.

3. PARTILHA ESPIRITUAL

Testemunho sobre a vivência dos **Pontos Concretos de Esforço** tendo em vista as **Atitudes de Vida**.

É bom fazer também neste ponto uma reflexão sobre a **vida em Equipa**.

4. PÔR EM COMUM

Pomos em comum a nossa vida, partilhamos com os outros casais a nossa vida pessoal, conjugal, familiar, profissional, os compromissos... numa perspetiva de entreaajuda e caridade.

5. TEMA DE ESTUDO

Aprofundamos juntos a nossa fé, tendo sido previamente preparado em casal e enviado ao casal responsável da equipa para a reunião preparatória.

6. MAGNIFICAT

INVOCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

*Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis
e acendei neles o fogo do vosso amor.
Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.*

R. *E renovareis a face da terra.*

Oremos: *Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis
com a luz do Espírito Santo,
fazei que apreciemos retamente todas as coisas,
segundo o mesmo Espírito,
e gozemos sempre da Sua consolação.
Por Cristo, Senhor Nosso.*

R. *Ámen.*

ORAÇÃO DA PARTILHA

*Senhor Jesus, na altura de fazermos a partilha de vida,
recordamos que toda a graça do nosso Sacramento vem de Vós
e que o amor só tem sentido quando consiste em procurar,
concretamente, o bem do outro e das nossas famílias.*

Que este momento sirva para ajuda e crescimento de todos.

*Por isso, ensinai-nos a falar com humildade das nossas fraquezas
e falhas, pedindo perdão a todos;
ajudai-nos a contar os sucessos e alegrias sem vaidade,
para estímulo e ajuda uns dos outros, dando graças a Deus.*

*Neste momento também queremos lembrar e pedir pelos casais
que sofrem e passam dificuldades, em especial os da nossa
equipa, e que isso faça crescer a nossa responsabilidade.*

Ámen.

MÍSTICA DA PARTILHA E DOS PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO (PCE)

- Oração Pessoal
- Palavra de Deus
- Oração Conjugal/Familiar
- Regra de Vida
- Dever de se Sentar
- Retiro

AS TRÊS ATITUDES

- Procura assídua da vontade de Deus
- Procura da verdade sobre nós mesmos
- Experiência do encontro e da comunhão

ORAÇÃO PELA BEATIFICAÇÃO DO SERVO DE DEUS *HENRI CAFFAREL*

Deus, nosso Pai,

*Tu colocaste no fundo do coração do teu servo Henri Caffarel
um impulso de amor que o atraiu sem reservas para o teu Filho
e o inspirou a falar d'Ele.*

*Profeta do nosso tempo, ele mostrou a dignidade e a beleza da vocação
de cada um segundo a palavra que Jesus dirige a todos: "Vem e segue-me".
Ele entusiasmou os esposos para a grandeza
do Sacramento do Matrimônio que significa o mistério de unidade
e de amor fecundo entre Cristo e a Igreja.*

*Mostrou que Padres e casais são chamados a viver a vocação do amor.
Guiou as viúvas: o amor é mais forte do que a morte.*

*Impelido pelo Espírito, conduziu muitos crentes no caminho da oração.
Arrebatado por um fogo devorador, era habitado por ti, Senhor.*

*Deus, nosso Pai, pela intercessão de Nossa Senhora, nós Te pedimos
que apresses o dia em que a Igreja proclamará a santidade da sua vida,
para que todos descubram a alegria de seguir o teu Filho,
cada um segundo a sua vocação no Espírito. Deus, nosso Pai, nós
invocamos o Padre Caffarel...*

(Indicar a graça a pedir)

MAGNIFICAT

*A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador!*

*Porque pôs os olhos na humildade de sua serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.*

*O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é seu nome.*

*A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que O temem.*

*Manifestou o poder de seu braço
E dispersou os soberbos.*

*Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.*

*Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.*

*Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre.*

*Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre.*

Ámen.



Audiência às Equipas de Nossa Senhora

10 de Setembro de 2015



Discurso do Santo Padre

Estou muito feliz por vos acolher, caros responsáveis e CE das ENS, por ocasião do vosso encontro mundial. Este encontro, que tenho a alegria de viver convosco, precede em algumas semanas o Sínodo dos Bispos que eu quis reunir em Roma, com vista a que a Igreja se debruce com cada vez mais atenção sobre o que vivem as famílias, células vitais das nossas sociedades e da Igreja, e que se encontram, como vós sabeis, ameaçadas pelo difícil contexto cultural atual. Peço-vos nesta ocasião, bem como a todos os casais das vossas equipas, que façam o esforço de rezar com fé e fervor, pelos Padres sinodais e por mim próprio.

É evidente que um movimento de espiritualidade conjugal como o vosso, encontra o seu espaço nos cuidados que a Igreja quer levar às famílias, tanto pelo crescimento e maturidade dos casais que participam nas vossas equipas, como pelo apoio fraterno levado aos outros casais a quem são enviados.

Desejo, com efeito, insistir neste papel missionário das ENS. Cada casal comprometido recebe muito, com certeza, do que vive na sua equipa base, e a sua vida conjugal aprofunda-se e aperfeiçoa-se graças à espiritualidade do movimento. Mas depois de ter recebido de Cristo e da Igreja, o cristão é irresistivelmente enviado para o exterior para testemunhar e transmitir aquilo que recebeu. “A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados” (EG 120). Os casais e as famílias cristãs são frequentemente os mais bem colocados para anunciar Jesus Cristo às outras famílias, para as apoiar, fortificar e encorajar. Aquilo que vós viveis em casal e em família – acompanhado pelo carisma próprio do vosso movimento –, essa alegria profunda e insubstituível que o Cristo Jesus vos faz experimentar pela sua presença nos vossos lares no meio de alegrias e difi-

culdades, pela felicidade da presença do vosso cônjuge, pelo crescimento dos vossos filhos, pela fecundidade humana e espiritual que Ele vos concede, tudo isso vós tendes de testemunhar, de anunciar, de comunicar para o exterior para que os outros sejam, por sua vez, postos no caminho.

Em primeiro lugar, encorajo todos os casais a pôr em prática e a viver em profundidade, com constância e perseverança, a espiritualidade que as ENS seguem. Penso que os PCE propostos são realmente ajudas eficazes que permitem aos casais progredir com segurança na vida conjugal na linha do Evangelho. Penso em particular na oração em casal e em família, bela e necessária tradição que sempre trouxe a fé e sustentou a esperança dos cristãos, infelizmente abandonada em numerosas regiões do mundo; penso também no tempo de diálogo mensal proposto aos esposos – o famoso e exigente DDSS que vai fortemente em contracorrente aos hábitos de um mundo apressado e agitado que arrasta para o individualismo –, momento de partilha vivido em verdade sob o olhar do Senhor, que é um tempo precioso de ação de graças, de perdão, de respeito mútuo e de atenção ao outro; penso ainda na participação fiel a uma vida de equipa, que traz a cada um a riqueza da aprendizagem e da partilha, bem como o auxílio e o reconforto da amizade. Sublinho, a fecundidade recíproca desse encontro vivido com o sacerdote CE. Agradeço-vos, caros casais das ENS, de serem um apoio e um encorajamento no ministério dos vossos sacerdotes que encontram sempre, no contacto com as vossas equipas e as vossas famílias, alegria sacerdotal, presença fraterna, equilíbrio afetivo e paternidade espiritual.

Em segundo lugar, convido os casais, fortificados pelo reencontro em equipa, à missão. Essa missão que lhes é confiada é tanto mais importante quanto a imagem da família – tal como Deus a quer, composta por um homem e uma mulher em vista do bem dos cônjuges, e da geração e educação das crianças – está deformada por projetos contrários poderosos apoiados por colonizações ideológicas. Naturalmente, vós já sois missionários pela irradiação da vossa vida de família junto das vossas redes de amigos e das vossas relações, e mesmo para além delas. Porque uma família feliz, equilibrada, habitada pela presença de Deus

fala ela própria do amor de Deus por todos os homens. Mas convido-vos também a comprometerem-se, se for possível, de forma sempre mais concreta e com criatividade nessa renovação, em atividades que possam ser organizadas para acolher, formar e acompanhar na fé, concretamente os casais jovens, antes e depois do casamento.

Exorto-vos também a continuarem a aproximar-se das famílias em sofrimento, que são tão numerosas nos dias de hoje, seja por razões de falta de trabalho, pobreza, problemas de saúde, desentendimentos, preocupações causadas por um filho, desequilíbrio causado por um afastamento ou uma ausência, clima de violência. É preciso ousar ir ao encontro dessas famílias, com discrição, mas generosidade, seja materialmente, humanamente ou espiritualmente, nessas circunstâncias onde elas se encontrem fragilizadas.

Finalmente não posso deixar de encorajar os casais das ENS, a ser instrumentos da misericórdia do Cristo e da Igreja face às pessoas cujo casamento fracassou. Nunca se esqueçam que a vossa fidelidade conjugal é um dom de Deus, e que a cada um de nós Ele concedeu misericórdia. Um casal unido e feliz pode compreender melhor que qualquer outro, como do interior, as feridas e o sofrimento que provocam um abandono, uma traição, uma falha de amor. É importante por isso, que vós possais levar o vosso testemunho e a vossa experiência para ajudar as comunidades cristãs a discernir as situações concretas dessas pessoas, a acolhê-las com as suas feridas e a ajudá-las a caminhar na fé e na verdade, sob o olhar do Cristo Bom Pastor, para que possam tomar o seu justo lugar na vida da Igreja. Não se esqueçam também do sofrimento indescritível das crianças que vivem estas dolorosas situações familiares. Vós podeis dar-lhes muito.

Caras ENS, renovo-vos a minha confiança e o meu encorajamento. A causa de beatificação do vosso fundador, o Padre Henri Caffarel, já foi apresentada em Roma, rezo para que o Espírito Santo ilumine a Igreja no julgamento que ela virá um dia a pronunciar sobre esse assunto. Confio os vossos casais à proteção da Virgem Maria e de São José, e concedo-vos de todo o coração, a Bênção Apostólica.

(Roma, 10 de setembro de 2015)



Ficha técnica

*Tema de estudo preparado pela Equipa Responsável Internacional
Traduzido por: Fátima e António Moitinho.*

Impressão: inPrintout — fluxo de produção gráfica

*Propriedade e Administração: **ENS - Equipas de Nossa Senhora**
Movimento de Espiritualidade Conjugal*

*Avenida de Roma 96, 4.º esquerdo
1700-352 LISBOA*

*Telefone: 216097677
Telemóvel: 925826364*

*E-mail: **ens@ens.pt**
Site: **www.ens.pt***

